GOLPE NOS GOLPISTAS ORDENADA POR ALEXANDRE DE MORAES, A OPERAÇÃO DA PF CONTRA EMPRESÁRIOS BOLSONARISTAS MIRA O FINANCIAMENTO ILEGAL DA MÁQUINA DE DIFAMAÇÃO DA CAMPANHA. KOURY, HANG E SEUS COMPARSAS SÃO A VANGUARDA DO ATRASO DA ECONOMIA

CartaCapital

cartacapital.com.br

basset editora

ANO XXVIII Nº 1223 R$ 27,90
31 DE AGOSTO DE 2022
9 771809 669002 01223

DJAMILA

ÚNICA NEGRA NA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, A FILÓSOFA TRANSITA ENTRE A PESQUISA, O ATIVISMO E O GLAMOUR *POP*

Somos todos Caixa Econômica Federal, instituição fundamental para a estabilização econômica e para a manutenção do nível do emprego e da renda, vinculados à expansão da demanda agregada do país. O que nos move é o sentimento do abraço que se entrelaça com outros braços para a partilha, o cuidado e o amparo da coisa pública, juntos e misturados com o povo brasileiro.

Classificamos a Caixa Econômica como instituição financeira pública símbolo da competência e sucesso do país. Defendê-la é um ponto de honra. Falamos de um banco com projetos sociais em todo o Brasil. Não imaginamos o nosso país sem um banco com a capilaridade da Caixa, imprescindível para a justiça social. Ser patriota é defender o que é nosso.

A campanha #SOMOSTODOSCAIXA possui a força de uma semente, com raízes, troncos, ramos, folhas, flores e frutos fincados no chão da cidadania do nosso país. A Caixa representa a alternativa que o Brasil deve abraçar para

#SOMOSTODOSCAIXA

a retomada de um desenvolvimento saudável e sustentável, com oferta de crédito e investimentos públicos em habitação, saneamento e infraestrutura.

A valorização de todas as empregadas e todos os empregados do banco poderá ajudar o Brasil a reinventar-se na perspectiva de mais democracia e mais participação popular.

Nosso movimento sonha e se mobiliza para fazer um país que nos traga de volta a alegria e o orgulho de ser brasileiro. Assim é a campanha #SOMOSTODOSCAIXA, cujo saldo registra a vontade do pessoal do banco em abraçar um Brasil mais público e mais social.

CartaCapital
31 DE AGOSTO DE 2022 • ANO XXVIII • Nº 1223

O capitão foi domesticado para a entrevista ao *JN*. Pág. 16

Capa: Pilar Velloso. Fotos: Helena Wolfenson, Redes sociais e Alan Santos/PR

MARCOS SERRA LIMA/G1/AFP E UNIVERSAL PICTURES

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa, Carlos Drummond, Mauricio Dias e William Salasar
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Alberto Villas, Aldo Fornazieri, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ON-LINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Alisson Matos e Brenno Tardelli
EDITOR-ASSISTENTE: Leonardo Miazzo
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Camila Silva, Getulio Xavier, Marina Verenicz e Victor Ohana
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
VIDEOMAKER: Natalia de Moraes
ESTAGIÁRIOS: Beatriz Loss, Caio César e Sebastião Moura
REDES SOCIAIS: João Paulo Carvalho
SITE: www.cartacapital.com.br

basset editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

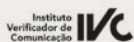
PUBLISHER: Manuela Carta
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Demetrios Santos
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE CIRCULAÇÃO: Ismaila Alves
COORDENAÇÃO DE MARKETING DIGITAL: Shirley Tavares
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: http://Atendimento.CartaCapital.com.br
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: avulsas@cartacapital.com.br

CARTAS CAPITAIS

CRUZADA CÔMICA

Bolsonaro deveria trocar o mote "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" pelo adágio "a fé remove montanhas". Nestas eleições, somente a fé dos incautos bolsonaristas pode mesmo alimentar a esperança dos iludidos, crentes na hipótese de que a eleição de Lula não é factível. Mas que fiquem somente na fé. Prefiro o mestre Nietsche no seu aforismo de que quem se sente predestinado para a contemplação e não para a fé acha todos os crentes demasiado barulhentos e impertinentes, devendo evitá-los. Para mim, Bolsonaro já era e é questão de tempo para cumprir o seu período curto na Presidência da República.
Paulo Sérgio Cordeiro

GUERRA SANTA

Evangélico de verdade, que lê a Bíblia e entende a palavra de Deus, jamais votará em uma enganação de profeta que prega a violência.
Gladson Oliveira

O eleitorado evangélico não consegue enxergar as atitudes desse ser das trevas? Como é possível compactuar com tanta barbaridade?
Luana Lourenço

A MIRAGEM DA DEFLAÇÃO

Deflação inversa? O leite custando 8 reais, quando antes custava 4? Bolsonaro reescreve até os conceitos econômicos neste desgoverno.
Sandra C. R.

Todos os preços sobem assustadoramente. Produtos maquiados, adulterados em relação às suas composições anteriores, pesos cada vez mais leves por produtos cada vez mais caros. Que deflação é essa?
Rita de Cássia

EM CAMPO, OS ACADÊMICOS

Parabéns ao eterno craque Afonsinho, pelos justos e merecidos elogios ao jogador Paulo Henrique Ganso: "Ele transforma o campo numa lagoa e a si mesmo em um cisne". Magistral.
Vicente Limongi Netto

O TEMPO EM CENA

Entendo o retorno aos palcos, mas a pandemia ainda não acabou. Ainda são registradas muitas mortes. O uso de máscara não pode ser facultativo.
Sandra Marques

Grandes atrizes e atores! Só temos a ganhar vendo esses talentos, em peças de qualidade, nos mostrando que a velhice não é doença.
Margot Soliani

Gente forte e idealista de volta aos palcos. Arte é vida.
Madu da Matta

OS CAMINHOS DO DEMÔNIO

Mais de 33 milhões de pessoas não têm o que comer, 125 milhões vivem em insegurança alimentar. O alerta dado pelo senador Paulo Paim, do PT, mostra a triste realidade de milhões de famílias espalhadas pelo Brasil hoje em dia: "Bolsonaro não tem como se defender do seu desgoverno, e fica querendo fazer lavagem cerebral nas pessoas mais vulneráveis".
Silvia Ricco

No Evangelho, o diabo é o pai da mentira. Se as lideranças religiosas aceitam mentiras circulando oficialmente, que tipo de igreja lideram? Bando de hipócritas.
Cleide Salvador

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

A Semana

Réu por violência política de gênero

O Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro aceitou denúncia contra o deputado estadual Rodrigo Amorim, do PTB, por violência política de gênero. Em 17 de maio, durante um discurso na Assembleia Legislativa, o parlamentar fez ataques transfóbicos contra a vereadora Benny Briolly, do PSOL, a primeira travesti eleita para a Câmara Municipal de Niterói. Entre outras ofensas, ele chamou Briolly de "aberração da natureza". Eleito no embalo da onda bolsonarista, Amorim ficou conhecido após quebrar a placa da vereadora assassinada Marielle Franco durante a campanha de 2018. Agora, tornou-se o primeiro réu por violência política de gênero no estado. Se condenado, pode ficar inelegível.

Bandeirantes/ Moro fez escola

O ex-secretário de Cultura Mário Frias transferiu o domicílio eleitoral com endereço de imóvel alheio

Carioca da gema, ele quer se eleger por São Paulo

Após sua candidatura à Presidência subir no telhado, Sergio Moro resignou-se em disputar uma vaga no Senado. Tentou transferir às pressas seu domicílio eleitoral para São Paulo, apresentando o endereço de um *flat* alugado no Itaim, abastado bairro da capital paulista. O Tribunal Regional Eleitoral barrou, porém, a manobra fraudulenta, e o ex-juiz viu-se impelido a adaptar os planos e disputar as eleições pelo Paraná. Agora, surgem evidências de que o ex-ministro de Bolsonaro fez escola no governo.

O ex-secretário especial de Cultura Mário Frias também transferiu seu domicílio eleitoral para a capital paulista, com o intuito de disputar uma vaga na Câmara. Em vez de apresentar a fatura de um *flat*, registrou como seu endereço um imóvel pertencente a uma empresa de Carla Ferraz de Oliveira, irmã do seu sucessor na secretaria, Hélio Ferraz. O caso foi revelado pela *Folha de S.Paulo*. Frias nasceu e viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro e transferiu o título para São Paulo em outubro de 2021. Pretende unir-se a Eduardo Bolsonaro como puxador de votos do PL no estado. Se a Justiça Eleitoral fechar os olhos para a falcatrua, claro.

Assédio sexual/ PREDADOR DE TOGA

JUIZ É ACUSADO DE MOLESTAR MULHERES EM FÓRUM TRABALHISTA

O juiz entrou em férias e seus defensores alegam inocência

Dezenas de manifestantes passaram a tarde da terça-feira 23 nas escadarias do Fórum Trabalhista Ruy Barbosa, na capital paulista, em protesto contra o juiz substituto Marcos Scalercio, acusado de assédio, importunação sexual e estupro por diversas mulheres, entre elas servidoras do tribunal, advogadas e alunas de um curso preparatório para concursos públicos no qual ele leciona. Até aquele momento, o movimento Me Too Brasil havia recepcionado 87 denúncias contra ele.

Scalercio saiu de férias em 16 de agosto, um dia após a mídia revelar as primeiras denúncias contra ele, pelo período de 20 dias. De acordo com os relatos revelados pelo portal G1, duas servidoras alegam que o juiz teria tentado beijá-las à força dentro do gabinete no Fórum. Uma estudante relatou assédio semelhante num café no centro da capital paulista.

No fim de 2021, o TRT da 2ª Região arquivou os casos referentes a essas três mulheres por falta de provas. O Mee Too não parou, porém, de receber novas denúncias após o escândalo vir a público. Destas, 18 foram reportadas ao Conselho Nacional do Ministério Público e duas são acompanhadas pelo MP de São Paulo.

Brasil/ Eterna colônia

Jair Bolsonaro recebe o coração de Dom Pedro I com honras de chefe de Estado

Jair Bolsonaro recebeu, na terça--feira 23, o coração de Dom Pedro I com honrarias de chefe de Estado no Palácio do Planalto. A viagem do órgão faz parte das comemorações do bicentenário da Independência do Brasil – na verdade, resultante da disputa pela coroa portuguesa travada entre os filhos de Dom João VI após a morte do monarca, com a população da colônia completamente alheia ao entrevero familiar.

O coração de Dom Pedro I desfilou de Rolls-Royce pela Esplanada dos Ministérios e foi recebido pelo presidente e pela primeira-dama, Michelle Bolsonaro, na rampa presidencial, com 21 disparos de canhão. "Dois países unidos pela história, ligados pelo coração. Duzentos anos de Independência. Pela frente, uma eternidade em liberdade", discursou Bolsonaro, durante a cerimônia na presença de ministros, parlamentares e estudantes de escolas públicas. "Deus, pátria, família. Viva Portugal e viva o Brasil", emendou o presidente da eterna colônia. Como sugeriu um gaiato nas redes sociais, só faltou plantar uma muda de pau-brasil.

Torneira aberta no Facebook

A Secretaria Nacional do Consumidor, vinculada ao Ministério da Justiça, aplicou multa de 6,6 milhões de reais contra a Meta, controladora do Facebook, pelo vazamento de dados de usuários brasileiros em 2018. A empresa poderá ter a multa reduzida em 25% caso opte por não recorrer da decisão. Em 2018, informações pessoais coletadas pela rede social foram repassadas à Cambridge Analytica, consultoria de marketing político contratada para a campanha do ex-presidente dos EUA, Donald Trump. Estima-se que, à época, os dados de 87 milhões de usuários, incluindo 443 mil brasileiros, tenham sido compartilhados indevidamente com a empresa. A Meta nega a existência de indícios que comprovem o vazamento.

EUA/ O ARQUIVO DE TRUMP

MAIS DE 300 DOCUMENTOS SIGILOSOS ESTAVAM NA CASA DO EX-PRESIDENTE

O governo dos EUA recuperou mais de 300 documentos sigilosos que estavam em posse de Donald Trump desde que ele deixou o cargo, em 2021. De acordo com o *New York Times*, o grande volume levantou suspeitas no Departamento de Justiça e levou à abertura de uma investigação criminal contra o ex-presidente.

Em janeiro deste ano, o Arquivo Nacional recuperou um lote com 150 documentos, entre os quais papéis sobre a CIA, Agência de Segurança Nacional e FBI, que mencionavam assuntos de segurança dos EUA. Em junho, assistentes do ex-presidente entregaram mais documentos durante visita de agentes do Departamento de Justiça na residência de Trump em Mar-a--Lago, na Flórida. As buscas terminaram em 8 de agosto com o saldo de 26 caixas, incluindo 11 conjuntos de itens marcados como secretos. Um deles tinha a marcação de ultrassecreto, o mais alto nível de classificação.

Trump diz ser vítima de perseguição política e solicitou, em ação ajuizada na segunda--feira 22, que um auditor independente examine os documentos recuperados em sua mansão na Flórida.

O republicano pede que um auditor independente analise o material

EVARISTO SÁ/AFP, CASA BRANCA/ARQUIVO, REDES SOCIAIS E ROBERTO CASTRO/MTUR

A Semana

Uma indígena na Suprema Corte

O *premier* Justin Trudeau nomeou, na sexta-feira 19, a juíza indígena Michelle O'Bonsawin para integrar o Supremo Tribunal do Canadá. Pertencente à primeira nação Odanak, de Quebec, O'Bonsawin fazia parte do Tribunal Superior de Justiça de Ontário desde 2017. O anúncio ocorre em meio aos esforços de reconciliação do Estado canadense com seus povos originários. Do fim do século XIX até a década de 1990, o governo enviou cerca de 150 mil crianças indígenas a 139 internatos católicos. Os menores foram separados de suas famílias, com o objetivo de impor uma nova cultura e os idiomas oficiais do país. Muitos sofreram abusos físicos e sexuais, e estima-se que milhares morreram por desnutrição e abandono.

Argentina/ Inelegível para sempre?

Pedido de 12 anos de prisão para Cristina Kirchner provoca onda de protestos

Milhares de manifestantes participaram de uma vigília, na noite da segunda-feira 22, em frente ao prédio onde Cristina Kirchner mora em Buenos Aires. A militância kirchnerista foi convocada para ocupar o espaço dos que protestavam contra a ex-presidente e atual vice-presidente, acusada de liderar uma quadrilha que desviou 1 bilhão de dólares em obras públicas. Os atos ocorreram após o Ministério Público pedir pena de prisão de 12 anos, além da inelegibilidade perpétua para qualquer cargo público.

Logo depois do anúncio feito pelo promotor Diego Luciani, centenas de pessoas, com bandeiras argentinas, foram até a porta do edifício de Cristina Kirchner. Batiam panelas enquanto gritavam "ladra". Foi quando os militantes kirchneristas chegaram para defender a ex-presidente. Houve confusão e a polícia interveio para separar os grupos. Aos poucos, os manifestantes contrários se retiraram, permanecendo apenas os apoiadores.

O presidente Alberto Fernández emitiu uma nota para "condenar" o que chamou de "perseguição judicial e midiática" contra a sua vice. Para o presidente, "não há provas" de formação de quadrilha e a perseguição, segundo ele, visa "tornar Cristina Kirchner inelegível para as eleições, a exemplo de outros líderes populares como o ex-presidente Lula".

Os kirchneristas repelem a "perseguição judicial" contra a vice presidente

"O *front* é aqui", discursou o teórico Alexander Dugin no funeral da filha

Terrorismo/ DANO COLATERAL

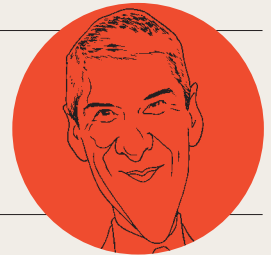
FILHA DE GURU DE PUTIN MORRE EM ATENTADO COM CARRO-BOMBA

A filha do ideólogo russo Alexander Dugin, o guru do presidente Vladimir Putin, morreu no sábado 20, quando o carro que dirigia explodiu nos arredores de Moscou. No momento da explosão, a jornalista e cientista política Daria Dugina circulava em uma rodovia perto da cidade de Bolshie Viaziomy, a cerca de 40 quilômetros da capital russa.

A detonação deveu-se a um artefato explosivo colocado no veículo, um Toyota Land Cruiser, informou o Comitê de Investigação da Rússia, responsável pelo esclarecimento do homicídio. Provavelmente, o alvo do ataque era o próprio Alexander Duguin. De acordo com familiares, Daria pegou o carro do pai de última hora. "Ela morreu pelo povo, pela Rússia, no *front*. O *front* é aqui", afirmou o teórico no funeral da filha.

Escritor ultranacionalista de 60 anos, Alexander Dugin defende a unificação dos territórios de língua russa e apoiou a ofensiva militar lançada por Moscou contra a Ucrânia em fevereiro. Apelidado de "Rasputin de Putin", ele é presença frequente no Kremlin e está sujeito a sanções da União Europeia desde 2014, após a anexação russa da Crimeia.

JUAN MABROMATA/AFP E KIRILL KUDRYVTSEV/AFP

JOSÉ SÓCRATES

Bolsonaro no *Jornal Nacional*

▶ As dificuldades do candidato ficaram mais visíveis. Até a repetição da "cola na mão" foi uma desgraça

O que achei da entrevista? Bem, a minha primeira impressão foi que o senhor presidente da República esteve sempre à defesa. Em nenhum momento comandou a entrevista, em nenhum momento introduziu um tema novo ou deu uma resposta convincente. Seguiu, nunca liderou. Tento até concordar com seus apoiadores de que os entrevistadores foram firmes (firmes, não agressivos), como não é costume na política brasileira. Sim, não deixaram passar uma, e tivemos até de assistir ao momento penoso em que o presidente acusa o jornalista de fazer uma afirmação falsa e o jornalista, no fim da resposta, educadamente, apresenta a prova de que quem estava a faltar à verdade não era ele, mas o seu entrevistado: "O senhor chamou de canalha o ministro Alexandre de Moraes". Momento singular.

A atitude rigorosa e sóbria dos jornalistas foi importante. A entrevista não foi fácil para o entrevistado, nem poderia sê-lo depois do que se passou nestes últimos quatro anos. Mas a atitude é importante também, a meu ver, pois ela reflete o sentimento majoritário dos brasileiros. Os jornalistas, no fundo, deram voz a esse sentimento – não, não estamos contentes com a tentativa de deslegitimar as eleições, não, não estamos satisfeitos com o que se passou na pandemia, no desmatamento, na evolução da economia, com a instabilidade governativa da área da educação. E também não estão satisfeitos com a aliança com o Centrão, não porque ela seja ilegítima, mas porque contraria uma promessa eleitoral. Este me parece ser o aspecto mais importante da entrevista, as perguntas dos jornalistas refletem o mal-estar do País com seu presidente.

Depois, talvez seja importante não esquecer que o candidato entrevistado está mais de 15 pontos atrás nas pesquisas de opinião. Não está em condições de jogar à defesa, mas de apostar no ataque. Para quem tem memória, nas eleições de 2018, Bolsonaro tomou a iniciativa e comandou, em grande medida, os temas da entrevista. Conseguiu até os melhores momentos da noite ao apresentar a inacreditável falsidade do chamado *kit gay* e ainda lembrou o apoio da Rede Globo à ditadura. Por maus motivos, é certo, Bolsonaro saiu por cima naquela entrevista. Nada disso aconteceu desta vez.

Acresce que as dificuldades do candidato ficaram agora mais visíveis. A indigência do vocabulário, os conhecidos problemas de expressão oral, o chamado *body language* foi todo ele pobre, sem graça e sem novidade. Até a repetição da "cola" na palma da mão foi uma desgraça. Depois de quatro anos como presidente, os brasileiros descobrem que ele ainda precisa ser recordado das coisas mais elementares. Enfim, foi igual a si próprio.

E para quem acha que a entrevista não foi um desastre, gostaria de lembrar: o que estava em causa não era o diálogo com quem acha que a pandemia se agravou com o confinamento. Quem acredita, como disse o presidente, que houve mais infecções em casa do que haveria se os brasileiros estivessem na rua (como sublinhou, espantado, o próprio entrevistador), já decidiu o voto em Bolsonaro. O que estava em jogo é o voto dos demais, daqueles que levaram a sério a pandemia e acreditam que os chamados *lockdowns* foram uma forma eficaz de salvar vidas. Salvo melhor opinião, que não vislumbro, o candidato que diz uma coisa dessas não atrai nenhum voto indeciso para o seu lado. Não atrai nenhum voto do eleitorado moderado. Não atrai nenhum voto dos politicamente conscientes. E são esses votos que estão em causa, não os votos dos fanáticos.

Depois, não sei se repararam, não houve uma única palavra sobre o futuro. O mínimo que se pode dizer é que a entrevista foi um deserto de ideias e de propostas políticas. É absolutamente extraordinário que não tivesse havido uma única resposta que identificasse os problemas do País e apontasse novas soluções. Todos os que assistiram à entrevista sem parcialidade perceberam que desse candidato a única coisa que se pode esperar é mais do mesmo. E quando isso acontece, quando uma entrevista eleitoral se concentra apenas no balanço político do passado, é uma entrevista sem esperança, sem confiança, sem expectativa. O meu balanço final da entrevista é este – nada de empate, mas a tentativa desesperada de esconder o esgotamento político.

Finalmente, uma última observação. A entrevista do presidente será discutida e criticada democraticamente pelos demais concorrentes. Lula, por exemplo, tem suficiente experiência política para perceber que nestas eleições ele não é, nem deve ser, apenas o anti-Bolsonaro, mas o pós-Bolsonaro. Grande parte do eleitorado espera um candidato capaz de propor um novo pacto democrático e um novo caminho de maior justiça social e de mais crescimento econômico. Algo que fale de futuro e que tenha horizonte. Que transmita esperança. Que soe como um novo começo. Na entrevista de Bolsonaro, nada disso aconteceu. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

PENSADORA, NEGRA E *POP*

AOS 42 ANOS, DJAMILA RIBEIRO, FILÓSOFA, ATIVISTA E AUTORA *BEST-SELLER* TOMA POSSE DA CADEIRA 28 DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

por ANA PAULA SOUSA

Na quinta-feira 1º, Djamila Ribeiro tomará posse da cadeira 28 da Academia Paulista de Letras, antes ocupada por Lygia Fagundes Telles. A cerimônia, na sede da entidade, no Largo do Arouche, região central de São Paulo, incluirá uma recepção preparada pela comunidade do terreiro Ilê Obá Ketu Axé Omi Nlá. "Sou uma mulher do candomblé", demarca a filósofa, escritora e ativista batizada com um nome que, na língua africana da qual se origina, quer dizer bonita. "Para mim, a afirmação do candomblé é também um ato político."

Fundada em 1909, a APL constituiu-se, historicamente, como um espaço ocupado por homens brancos, católicos e nascidos na elite. Embora se tenha dito que Djamila seria a primeira negra a integrar a APL, houve uma antes, a poeta Ruth Guimarães (1920-2014), empossada aos 88 anos. Djamila é, porém, a primeira a entrar naquele espaço com bandeiras empunhadas.

A expressão da religiosidade faz parte desse contexto. Nas escolas, ela escondia ser do candomblé para não sofrer preconceito. "Quero levar para a Academia o que represento na minha escrita", diz. "Sou feminista, sou do candomblé, faço parte da luta antirracista, falo sobre as questões sociais e me posiciono politicamente."

Na segunda-feira 22, a filósofa esteve no lançamento do livro *O Brasil no Mundo – 8 Anos de Governo Lula* (do fotógrafo Ricardo Stuckert), no Memorial da América Latina, e, no mês passado, havia participado de encontro reservado do ex-presidente com personalidades negras. Em seus livros e entrevistas, aponta, invariavelmente, o cinismo em torno das relações raciais no Brasil.

> **"SOU FEMINISTA, SOU DO CANDOMBLÉ, FAÇO PARTE DA LUTA ANTIRRACISTA E ME POSICIONO POLITICAMENTE"**

Intelectual agraciada, em 2019, com o prêmio Prince Claus, que reconhece indivíduos e organizações inovadores, apontada como uma das cem mulheres mais influentes do planeta pela rede britânica BBC e autora de quatro livros, entre eles *Pequeno Manual Antirracista*, o mais vendido pela Amazon no Brasil em 2020 e ganhador do Jabuti, Djamila tornou-se uma pensadora *pop*.

Tem 1,2 milhão de seguidores no Instagram, estampa capas de revistas femininas, frequenta programas na tevê aberta e é garota-propaganda da Prada. Num Brasil racista, machista e reacionário, trilhou uma caminho quase impensável para uma mulher preta, nascida na classe trabalhadora.

Filha de um estivador do Porto de Santos e de uma dona de casa, a escritora refaz seu percurso íntimo, menos conhecido que o intelectual, no memorável livro *Cartas Para a Minha Avó*, no qual se

“Vivemos um momento de anti-intelectualismo”

FLAVIO TEPERMAN

O babalorixá Pai Rodney (*à esq.*) estará na cerimônia de posse da autora como acadêmica paulista. A também filósofa Sueli Carneiro (*acima*) é uma das inspirações de Djamila

dirige a Vó Antônia, que foi benzedeira e empregada doméstica. Por meio da escrita, Djamila reata os fios de sua linhagem matriarcal. Ela conta nunca ter podido perguntar a dona Antônia o que ela pensava do racismo ou quais eram seus sonhos e medos. E revela que sua mãe, também empregada doméstica antes de se casar, prometeu a si mesma que não veria filha sua a limpar privada de brancos.

Quando Djamila tinha 20 anos, sua mãe morreu. Quando tinha 21, foi seu pai que partiu. Aos 24, ela engravidou. Aos 27, quando a filha, Thulane, tinha 3 anos, prestou vestibular para filosofia na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e retorceu para sempre o seu destino.

Menina prodígio que aos 5 anos lia e aos 8 foi vice-campeã no campeonato de xadrez de Santos, a filósofa, aos 42 anos, procura não individualizar seus feitos e conquistas. Forjada nos movimentos sociais, procura contemplar, em suas reflexões sem brechas para improvisos, o coletivo do qual é espelho e reflexo.

Se vai falar de seus livros, puxa para a conversa a Coleção Feminismos Plurais, da Editora Jandaíra, de Lizandra Magon, que reúne 12 obras de autores negros, e para o Selo Sueli Carneiro. Também se mostra especialmente entusiasma com o Espaço Feminismos Plurais, inaugurado em maio, no bairro de Moema, Zona Sul de São Paulo. O espaço tem uma biblioteca, dará cursos voltados e oferecerá assessoria jurídica, noções de empreendedorismo e atendimento psicológico.

A visibilidade e o reconhecimento adquiridos nos anos recentes têm feito com que Djamila, passo a passo, aprenda a dizer mais nãos e a restringir sua agenda. Esta entrevista para *CartaCapital*, primeira revista da qual foi colunista, só aconteceu dois meses depois do primeiro pedido. Ela diz saber, ao mesmo tempo, que parte do seu papel é ocupar espaços e se comunicar com as pessoas. "A ideia de ser popular não costuma ser muito bem-vista pela academia", diz. "Mas quem faz um trabalho de reflexão crítica não deveria escolher para quem essas reflexões vão chegar. Elas deveriam poder chegar para todo mundo. E as pessoas assistem televisão, estão nas redes sociais, estão nos mais diferentes espaços."

CartaCapital: Qual é a sua expectativa para a posse na APL?

Djamila Ribeiro: Preparamos uma posse que não esconda quem a gente é. Sou do candomblé e minha comunidade do terreiro foi convidada a estar presente. A gente vai ter os ogãs tocando na entrada, o meu babalorixá, o Pai Rodney, estará presente, e a gente terá, no bufê, acarajé e outras comidas ligadas à nossa religião. No *hall* de entrada, uma irmã da comunidade, a Alessandra Castelhano, vai expor quadros de orixás. É importante que a gente entre nesses espaços sem esquecer quem somos. Muitas vezes, na nossa vida, precisamos, por variados motivos, esconder, por exemplo, a nossa religiosidade. Mas, cada vez mais, entendo ser fundamental a gente estar nos espaços sem apagar aquilo que nos forma e nos molda. É importante que, na Academia, estejam representadas pessoas vindas de diferentes lugares.

RICARDO STUCKERT, ILÊ OBÁ KETU AXÉ OMI NLA E JOSEMAR AFROVULTO

CC: Você já foi sondada para ser vice de Fernando Haddad e, se não me engano, do Guilherme Boulos, além de ter sido secretária na prefeitura do Haddad. A política de governo é um espaço que pode vir a ocupar?

DR: Fui sondada para ser vice de outras pessoas, mas do Boulos nunca. Meu trabalho é fundamentalmente político. Quando escolho trabalhar no mercado editorial, para refutar as políticas estabelecidas e publicar pessoas negras, estou fazendo política. Mas a política institucional não é uma coisa sobre a qual eu tenha refletido – no sentido de querer estar nela. Nunca digo nunca, mas, atualmente, estou muito focada nesse trabalho, feito coletivamente, a muitas mãos, de democratização da leitura e da reflexão crítica. Sou professora também. Mas me posiciono e apoio candidaturas.

“QUANDO ESCOLHO TRABALHAR NO MERCADO EDITORIAL PARA PUBLICAR PESSOAS NEGRAS, ESTOU FAZENDO POLÍTICA”

CC: Qual a sua expectativa para a eleição e para um eventual governo Lula?

DR: A expectativa é a de que o Bolsonaro seja derrotado, porque o Brasil não aguenta mais quatro anos. Foram muitos retrocessos, e em muitas áreas: na educação, na saúde, em políticas de enfrentamento da violência contra a mulher etc. Espero que esse projeto seja derrotado para que, de fato, a gente possa voltar a discutir o País a partir de uma perspectiva democrática. Vivemos um momento de anti-intelectualismo e de negacionismo que nos obriga a rebater coisas óbvias. É extremamente triste que este projeto tenha sido eleito. O que esperamos, em um eventual governo Lula, é poder retomar políticas que foram importantes, como a expansão das universidades públicas, o Bolsa Família, que impactou a vida das mulheres de forma decisiva, políticas habitacionais... E mesmo em uma derrota do Bolsonaro, derrota-se o seu governo, mas não se derrota o bolsonarismo. Então teremos uma longa disputa para recuperar muito do que foi perdido no País.

CC: Você é uma ativista, dá aulas, palestras e, desde maio, está à frente de um instituto. No meio disso tudo, você continua a escrever os próprios livros, colunas, orelhas, prefácios e artigos – além de publicar outros autores. O que significa, para você, a escrita?

DR: Tive o privilégio de ter sido criada por um pai que sempre me presenteava com livros e lia para mim e para meus três irmãos. Apesar de vir de uma família da classe trabalhadora, a leitura foi marcante na minha educação. Meu pai, além de ler muito, escrevia. Foi dele que herdei o hábito de fazer anotações em cadernos. *Cartas para a Minha Avó* nasce de algumas dessas anotações. Na infância e na adolescência, a escrita era a forma de eu expressar meus sentimentos, de refletir sobre o que sentia. Por não me sentir pertencente a determinados grupos, me senti muitas vezes sozinha. Quando entrei na faculdade, a escrita passou a ser também uma forma de eu refutar o mundo tal e qual ele me era apresentado. Estudar filosofia no Brasil significava estudar o pensamento de homens brancos europeus. Quando, na minha dissertação, resolvi escrever sobre filósofas, enfrentei uma série de barreiras. Nesse contexto, a escrita tornou-se uma ferramenta política e uma forma de reação contra o apagamento dessas mulheres. Outra virada de chave foi a Casa de Cultura da Mulher Negra, em Santos, onde trabalhei no começo da vida adulta. Esse espaço tinha uma biblioteca chamada Carolina Maria de Jesus, de quem eu nunca tinha ouvido falar até então. Naquela biblioteca, conheci várias autoras negras, como Sueli Carneiro, Bell Hooks e Maya Angelou.

Embora diga não ter, no momento, a intenção de entrar para nenhum governo, a ativista, autora de três livros políticos, posiciona-se no apoio a Lula e tem aparecido ao lado do candidato

A partir daí, minha escrita incorporou as elaborações dessas mulheres. Hoje, meu trabalho tem esses dois lugares: o de acolhimento, caso de *Cartas para a Minha Avó*, e de luta política, que é o caso dos meus outros livros e das minhas colunas.

CC: Recentemente, li dois livros, de autores brasileiros negros, que me pareceram formar quase um tríptico com *Cartas para a Minha Avó*: *Solitária*, de Eliana Alves Cruz, e *Estela Sem Deus* (ambos da Companhia das Letras), de Jeferson Tenório. Há uma nova história do Brasil escrita pela ficção e pelos relatos íntimos das pessoas negras? Podemos falar que o "direito" à construção dos imaginários é algo novo para os negros no meio cultural brasileiro?

DR: É muito importante quando autores negros fazem sucesso na ficção. Existiu, na história, uma barreira para autores negros que escrevessem textos não políticos. Nos Estados Unidos, na década de 1940, durante o movimento de renascimento do Harlem, os intelectuais tinham a visão de que, para fazer parte do movimento, você tinha de escrever textos políticos. A Zora Hurston, autora de *Seus Olhos Viram Deus*, por exemplo, foi apagada da história, e só viria a ser ressuscitada pela Alice Walker. Havia o entendimento de que a ficção não era algo para aquele momento tão difícil para a população negra. Acho que isso ainda está um pouco arraigado: é como se, por ser ativista, a gente só pudesse escrever determinado tipo de coisa. Muitas quebraram esse grilhão, como a Toni Morrison, que, de forma brilhante, transformou em ficção as dores da população negra e rompeu a "tradição" de que negros só podiam escrever textos políticos. Outra autora que adoro é Maryse Condé. Aqui no Brasil, a Conceição Evaristo foi fundamental no processo de compreensão de que negros podem escrever literatura. E a gente teve Lima Barreto, que foi brilhante, mas ficou com a pecha de maldito, e Machado de Assis. Jeferson, Eliana, Itamar (Vieira Júnior, autor de *Torto Arado*) e eu somos possíveis por causa desses muitos autores que, lá atrás, foram questionados. Os autores negros sempre existiram, mas a presença deles em grandes editoras é de fato inédita. Por que, como diz a Chimamanda (Ngozi Adichie), nossas histórias não podem ser universais?

Acima, Djamila no colo da mãe, que foi empregada doméstica antes de se casar, e do pai, estivador no Porto de Santos e sindicalista. Menina prodígio, ela lia aos 5 anos e, aos 8, foi vice-campeã do campeonato santista de xadrez

A ESTANTE DO FEMINISMO NEGRO

Abaixo, alguns dos livros e autoras citados por Djamila Ribeiro na entrevista

SEUS OLHOS VIAM DEUS

Zora Neale Hurston. Tradução: Marco Santarrita. Record (256 págs., 54,90 reais)

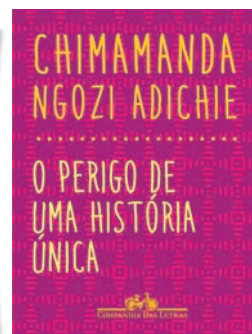
O OLHO MAIS AZUL

Toni Morrison. Tradução: Manuel Paulo Ferreira. Companhia das Letras (224 págs., 59,90 reais)

BECOS DA MEMÓRIA

Conceição Evaristo. Editora Pallas (200 págs., 39 reais)

EU, TITUBA: BRUXA NEGRA DE SALEM

Maryse Condé. Tradução: Natália Borges Polesso. Rosa dos Tempos (252 págs., 59,90 reais)

O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA

Chimamanda Ngozi Adichie. Tradução: Júlia Romeu. Companhia das Letras (64 págs., 34,90 reais)

CC: Enquanto esperávamos você, o Brenno (*Tardelli, companheiro de Djamila*) disse que, se houvesse três Djamilas, as três estariam com a agenda lotada. O que é ser uma ativista em 2022 e como você lida com o excesso de demandas?

DR: Meu pai era estivador no Porto de Santos, era sindicalista, fazia parte do movimento negro e foi um dos fundadores do Partido Comunista em Santos. Ele levava os filhos para reuniões do partido e a manifestações contra a privatização do Porto. Cresci nesse ambiente e não sei o que é viver fora dele. Com o tempo, encontrei meu próprio caminho. Meu pai era homem, né? Quando vou para a Casa de Cultura da Mulher Negra, descubro a forma pela qual eu queria lutar: a causa negra aliada à causa da mulher. Hoje, escolhi não estar em uma organização social, mas fui

formada por elas. Uma coisa sobre a qual reflito muito, sobretudo na conversa com as mais velhas, é que uma ativista precisa ter o direito de ser pessoa. Muitos ativistas adoeceram, não tiveram vida. Uma das minhas referências, a Audre Lorde, fala sobre o autocuidado, no sentido de cuidarmos de nós mesmas, de fazer o que gostamos, de ter tempo para elaborar as nossas dores e não chegar no ativismo com essas dores. Quando falo em autocuidado, não é no sentido esvaziado, do *skin care* associado a uma marca patrocinadora. Mulheres como a minha avó passaram a vida cuidando de outros, seja trabalhando nas casas delas, seja cuidando da própria casa. Essa é uma questão geral para as mulheres, mas especialmente forte para as negras que, historicamente, vêm de um lugar de cuidar dos outros. Dizem que nós, negras, somos fortes e guerreiras, mas não dizem que temos de ser fortes porque o Estado é omisso. O candomblé nos ensina o cuidado com a gente. A própria maternidade não precisa ser esse lugar do sacrifício. Antes de cuidar dos filhos, Oxum limpa suas joias. A gente não é uma máquina de atender demandas alheias. A gente precisa limpar as nossas joias.

"SOU VÍTIMA DE RACISMO MUITAS, MUITAS VEZES. NINGUÉM ESTÁ LIVRE DE SOFRER RACISMO EM UMA SOCIEDADE RACISTA"

CC: Quais são as suas joias?

DR: Gosto de terapias e rituais holísticos, como o *reiki*, medito todos os dias, adoro *kung fu*, adoro ler e gosto de momentos em silêncio. Gosto de cuidar das minhas plantas e de descer a serra para ir à praia. Todo ano, me comprometo a ir pelo menos uma vez tomar um banho de cachoeira.

CC: Em *Cartas para a Minha Avó*, você fala muito sobre maternidade – a sua, a da sua mãe, a da sua avó. Como você acha que é, para sua filha, ser filha de uma ativista reconhecida?

DR: Na maior parte da vida da Thulane, a mãe dela era só a mãe dela, não era conhecida. Quando ela tinha 3 anos, fui fazer faculdade, mas sempre fui muito presente. Não acho que algo tenha mudado depois que passei a ser conhecida. Ela é mais introspectiva que eu. E a pessoa pública sou eu, não ela. A Thulane tem mais confortos do que eu tive, mas é uma menina negra. Só que ela lida com isso muito melhor do que eu lidava. Quando ela tinha 6 anos, um menino a chamou de neguinha e ela disse: "Claro que eu sou neguinha. Você não tá vendo? Você é cego?" Ela não se sente constrangida num espaço em que ela é a única negra. Ela é uma menina criada por uma mãe feminista e tem um posicionamento muito forte.

CC: Você ainda é vítima de racismo?

DR: Muitas, muitas vezes. Não sou exatamente famosa. Tem lugares em que eu não consigo andar, mas em outros não sabem quem sou e se espantam de ver uma mulher negra ali, ou de uma mulher negra pagar a conta. A Oprah (*Winfrey*) já foi discriminada na Suíça. Como eu não seria? Avançamos, mas, infelizmente, temos um longo caminho pela frente. Mesmo como escritora, vi, em feira de livro, reservarem para mim um camarim horroroso e, para o escritor branco, um camarim muito melhor. Ou questionarem meu cachê. É claro que o dinheiro e a visibilidade servem como proteção, mas ninguém está livre de sofrer racismo em uma sociedade racista. •

A ditadura do dinheiro

ELEIÇÕES O TSE tenta inibir a sanha golpista de empresários pró-Bolsonaro, mas o espírito da casa-grande contamina a elite

POR ANDRÉ BARROCAL

No fim de julho, a Agência Brasileira de Inteligência e a Polícia Federal receberam uma denúncia de que grupos de extrema-direita preparam um ato violento, um atentado, para levar a cabo até a eleição, com chance maior de ocorrer em 7 de setembro. O objetivo da violência seria espalhar o caos e culpar a esquerda. Sua concretização seria mais fácil se os festejos pelos 200 anos da Independência ocorressem em Copacabana, como quer Jair Bolsonaro, e não no Centro do Rio de Janeiro. O bairro é um reduto bolsonarista, lar de militares aposentados, abrigo de prédios capazes de esconder um atirador, por exemplo. A denúncia, anônima, foi feita por telefone por um integrante da Rede Nacional de Inteligência Cidadã, espécie de Abin popular. A Renic investiga bandos extremistas e crê que parte deles é financiada por empresários.

"Siga o dinheiro." A velha máxima parece ter levado Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral e ministro do STF, a quebrar os sigilos bancário e fiscal de oito empresários bolsonaristas golpistas e a bloquear suas contas correntes. Por ordem do juiz, a turma também teve os celulares apreendidos, residências e escritórios vasculhados, redes sociais suspensas e o depoimento tomado pela PF na terça-feira 23. A batida havia sido solicitada pela própria polícia quatro dias antes. Um delegado aposta em uma nova ação em breve, em razão da análise do material recolhido e do que existe no inquérito. Prisões? Para esse delegado, mais importante do que a trilha financeira, é a comunicacional, o teor dos celulares confiscados.

Até a conclusão desta reportagem, na quinta-feira 25, a decisão de Moraes era mantida sob sigilo, não se conheciam suas razões. Pistas sobre o fator "grana" estão no ar. Em 17 de agosto, o *site* Metrópoles noticiara a existência de um grupo de WhatsApp criado por empresários defensores de um golpe contra Lula. Embora haja manifestos aqui e ali a favor da democracia (e, por tabela, contra o capitão) concebidos na alta roda, na dita "elite" sobram partidários do presidente e má vontade para com o petista. Três das mensagens reveladas levam ao caminho do dinheiro. Em 31 de maio, José Koury contou ter encomendado "milhares de bandeirinhas para distribuir para os lojistas e clientes do Barra World Shopping a partir de setembro". É o dono do shopping. Dois meses antes, escrevera: "Alguém aqui no grupo deu uma ótima ideia, mas temos que ver se não é proibido. Dar um bônus em dinheiro ou um prêmio legal pra todos os funcionários das nossas empresas". Resposta de Marco Aurélio Raymundo, o Morongo, das lojas Mormaii: "Acho que seria compra de votos... complicado".

Rápido no gatilho. Moraes manda recado a quem quer melar

No Supremo, Moraes conduz um inquérito sobre milícias digitais e outro sobre uma quadrilha de carne e osso sabotadora da democracia. Sua visão é de que tanto as milícias quanto a quadrilha compõem-se de quatro núcleos. O produtor de mentiras ("gabinete do ódio"), o encarregado de disseminá-las nas redes sociais (robôs) e o político, que leva os assuntos ao debate público. "Todos esses permeados pelo quarto núcleo, que é o financeiro",

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 30

Eleições. As feministas também querem uma bancada própria no Congresso

Manicômio. O delírio de fraude nas urnas não povoa apenas a cabeça de Bolsonaro e do "papagaio" Hang. Barreira, Wrobel, Peres, Koury, Morongo e Nigri acham que o TSE quer eleger Lula a todo custo. Para impedir, sugerem crimes diversos

REDES SOCIAIS, TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO CONTEÚDO E ROBERTO JAYME/TSE

comentou em 11 de julho, na Escola Judiciária Eleitoral Paulista. "Empresários bancando com três finalidades", prosseguiu, "ganhar dinheiro, lavá-lo e ter poder." Ao abrir o inquérito sobre a quadrilha, em julho de 2021, anotara que entre os delitos potenciais estavam lavagem (Lei 9.613), sonegação (8.137) e crime contra o sistema financeiro (7.492).

Provavelmente a partir de descobertas desse inquérito, o 4.874, o time da delegada Denisse Ribeiro, principal investigadora das milícias digitais e da quadrilha, pediu a Moraes a operação contra os oito empresários, todos presentes no grupo de WhatsApp. Além de Koury e Morongo, os alvos foram Afrânio Barreira Filho (Coco Bambu), Ivan Wrobel (W3 Engenharia), José Isaac Peres (Multiplan), Luciano Hang (Havan), André Tissot (Sierra) e Meyer Nigri (Tecnisa). Para alguns advogados, como Pedro Serrano, professor de Direito da PUC de São Paulo, a decisão de Moraes terá sido abusiva e inconstitucional se baseada apenas na troca de mensagens. Mas, se houver indícios de financiamento ao ataque às instituições, a iniciativa estaria correta.

O bolsonarismo ficou uma fera com a operação. Para os apoiadores do presidente, Moraes inventou o "crime de pensamento". "Beira o totalitarismo", disse o ministro da Justiça, Anderson Torres. Os filhos do capitão chegaram perto de expor o verdadeiro motivo da bronca, o medo de a torneira financeira secar. "Conheço empresários com medo de se posicionarem nessas eleições", tuitou Flavio Bolsonaro. "É operação claramente para intimidar qualquer figura notória de se posicionar politicamente a favor de Bolsonaro e contra a esquerda", emendou Eduardo. O PL de Bolsonaro tem 290 milhões de reais de fundo eleitoral e o PT, 500 milhões.

Um dia após a batida contra os empresários, Bolsonaro citou dois deles em Belo Horizonte, com os quais teria "contato", Hang e Nigri. O primeiro é conhecido de Moraes. Em maio de 2020, fora um dos alvos de uma operação autorizada pelo juiz em um inquérito que se metamorfoseou e, hoje, trata da quadrilha antidemocrática. Na época, tivera os sigilos bancários e fiscal quebrados de julho de 2018 a abril de 2020 e o celular e um computador apreendidos. A quebra abrangia parte da última eleição. Naquela campanha, foi multado pelo TSE em 10 mil reais por pagar ilegalmente propaganda pró-Bolsonaro no Facebook. Também foi proibido pela Justiça de coagir funcionários a votar no capitão.

A eleição de 2018 fez do dono da Havan réu em uma ação de cassação da chapa de Bolsonaro que o PT propôs, em razão de disparos maciços de mentiras via WhatsApp contra Fernando Haddad. O empresário teria patrocinado a investida. A ação foi julgada em outubro de 2021 no tribunal e terminou com a absolvição da chapa, por falta de provas contra os réus. Nesse julgamento, Moraes declarou que, se o mar de *fake news* se repetisse em 2022, candidaturas seriam cassadas e os envolvidos, presos. Para reforçar a coleta de provas, o ministro acaba de nomear como assessor no TSE Eduardo Tagliaferro, perito forense especializado no mundo digital.

Nas conversas de WhatsApp recém-reveladas, fica claro que Hang pensa exatamente como Bolsonaro. Acha que o TSE quer eleger Lula com fraude nas urnas e que é preciso agir antes da eleição. Parece crer que a saída é uma guerra civil. Em 4 de junho, repassou no grupo um vídeo intitulado "Urgente: Bolsonaro alerta para uma possível guerra no Brasil". Na véspera, o presidente dissera em Umuarama, no Paraná, que, "se precisar, iremos à guerra". O próprio capitão lhe teria enviado o vídeo. O advogado do bilionário diz que o cliente foi "surpreendido" com a operação de agora e que nunca falou "de STF ou de golpe".

Nigri é outro com a visão conspiratória de Bolsonaro, embora tenha dito agora, em sua defesa, que "nunca passou pela cabeça de ninguém golpe". Faz o que pode pelo capitão, desde a eleição passada. Em 2016, na casa do empreiteiro em São Paulo, o então deputado Bolsonaro conheceu o publicitário Fábio Wajngarten, ex-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência e um dos cabeças da campanha reeleitoral do capitão. Nigri e Wajngarten são judeus e bem relacionados na comunidade israelense paulista. Em fevereiro de 2018, o dono da Tecnisa despontava na revista *Piauí* como um eleitor engajado do capitão, a quem, inclusive, havia deixado um jatinho à disposição. "Apoio quem seja contra a esquerda, Bolsonaro, Alckmin ou qualquer outro", dizia. Cerca de um mês depois da reportagem, o nome "Meyer" era mencionado em um almoço de Bolsonaro e os filhos Eduardo e Carlos como fonte de recursos para impulsionar no Facebook conteúdo a favor do então presidenciável. O almoço foi relatado à CPI das *Fake News*, em outubro de 2019, pelo deputado Alexandre Frota, presente ao convescote.

Bolsonaro vence Lula entre os brasileiros com renda superior a 10 salários mínimos, indicam as pesquisas

No grupo de WhatsApp dos golpistas, Nigri repetiu Hang em 4 de junho: fez circular aquele vídeo do "alerta" de Bolsonaro sobre guerra. Também teria recebido o material do presidente. Ainda em junho, esculhambou, via mensagens alheias, os representantes do Supremo no TSE. E dizia que a pesquisa Datafolha divulgada por aqueles dias (47% a 28% para Lula) tinha sido "inflada" para camuflar a futura fraude eleitoral. Em 21 de julho, defendeu uma

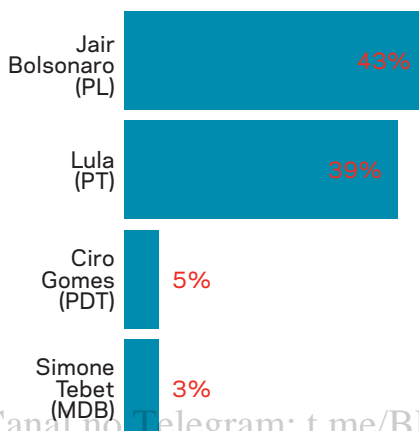
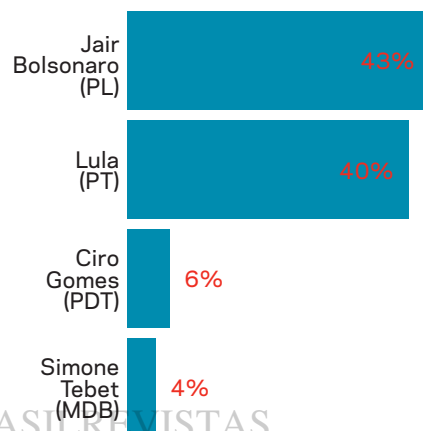
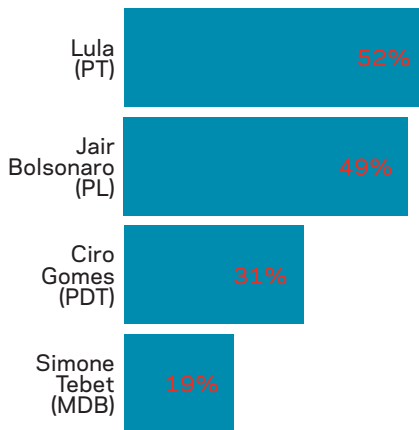
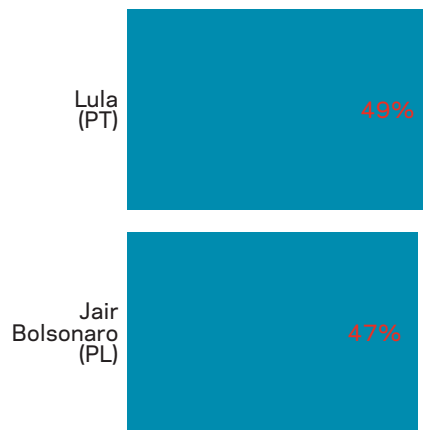
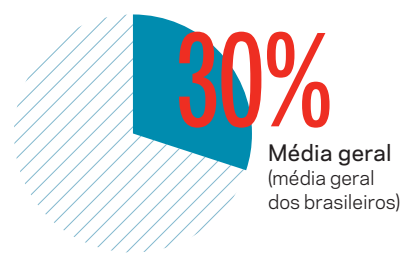
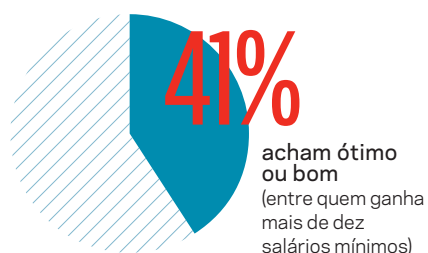
Pegadinha. No *Jornal Nacional*, Bolsonaro comprometeu-se a acatar o resultado das urnas, desde que...

apuração paralela dos votos pelo Exército.

"Faço uma homenagem especial ao amigo Meyer Nigri, em nome de quem cumprimento toda a comunidade judaica, que comemorou 5.780 anos nos últimos dias. Ficaria difícil para mim nominar cada amigo. Então peço vênia para, em nome de Meyer Nigri, cumprimentar a todos os presentes." Palavras de Augusto Aras, o procurador-geral da República, ao assumir o cargo em 2019. Nos celulares apreendidos com os empresários golpistas, a PF achou mensagens de Aras, segundo o *site* Jota. O procurador seria informante de investigados? Se sim, violou o sigilo funcional. O crime é descrito no artigo 325 do Código Penal ("Revelar fato de que tem ciência em razão do cargo e que deva permanecer em segredo, ou facilitar-lhe a revelação") e custa até seis anos de cana. Recorde-se que

REPRODUÇÃO/TV

A INTENÇÃO DE VOTO DOS MAIS RICOS PARA PRESIDENTE

Números sobre quem ganha acima de dez salários mínimos (R$ 12 mil) coletados por uma pesquisa Datafolha divulgada em 18 de agosto

AVALIAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO

o delegado Bruno Calandrini pediu recentemente ao Supremo a prisão de diretores da PF com a acusação de que eles agiram para prevenir Bolsonaro e Milton Ribeiro de uma batida contra o ex-ministro da Educação em junho.

Segundo o Jota, as conversas de Aras com os empresários mostram críticas a Moraes e defesa da reeleição de Bolsonaro. Esse conteúdo, se verdadeiro, deixa o "xerife" sob suspeição para atuar como procurador-geral eleitoral. "Troca de mensagens entre empresários e o PGR é muito grave. Aras também é procurador eleitoral e conversava com gente que defendeu o golpe. Que amizade é essa?", comentou publicamente a presidente do PT, Gleisi Hoffmann.

Efeito. A ação contra os empresários vai conter a fanfarra do 7 de Setembro?

A disposição de empresários de pregar um golpe contra Lula mostra como o antipetismo viceja na "elite". Em uma pesquisa de agosto do Datafolha, Bolsonaro ganha de Lula entre aqueles com renda superior a dez salários mínimos (12 mil reais): 43% a 39% no voto espontâneo e 43% a 40%, no estimulado. A rejeição ao petista é maior no segmento, 52% a 49%. Os cientistas políticos César Zucco, da FGV, e David Samuels, da Universidade de Minnesota, fizeram uma pesquisa, em abril e maio, com 5 mil entrevistados, para entender o antipetismo. Descobriram que 29% dos brasileiros são antipetistas e 24%, petistas. Nas classes A e B, dá 35% e 22%, respectivamente. Para os pesquisadores, as justificativas contra o PT mudaram com o tempo. Antes de chegar ao poder, o partido era baderneiro. No governo, corrupto. Na era Bolsonaro, imoral. Alegações de fachada, apontam os pesquisadores. "A causa real do antipetismo é o progresso que o PT representa para os mais pobres", diz Samuels.

"Tenho feito reuniões com empresários, tenho feito reuniões com banqueiros... São indescritíveis essas reuniões. Porque não existe a palavra pobre, não existe nenhuma palavra que seja dita em relação à miséria que tomou conta deste País", comentou Lula no congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 28 de julho, em Brasília. "O empresariado em São Paulo é antipetista, preferia o Alckmin", diz um conhecedor da Fiesp, a federação das indústrias paulistas. A cúpula da entidade divulgou um manifesto a favor da democracia, mas só 14% de seus sindicatos assinaram. O presidente de um desses sindicatos comentou a portas fechadas: "Pode ser o Lula, o Bolsonaro não dá mais". Se a turma do PIB adorou o desmonte do aparato fiscalizatório do Estado no atual governo, diz a fonte, não gostou de ver a demolição ser total, a ponto de dificultar seus negócios em áreas como saúde, educação, cultura. Sem contar o pepino ambiental no *front* externo.

Parcialidade. Amigo dos golpistas, Aras está sob suspeita no processo

E no tal do "mercado"? Um analista político do setor, que prevê vitória de Lula, diz: a turma do "chão de fábrica" das finanças é abertamente bolsonarista, o escalão do meio é medianamente governista e os donos do dinheiro, decididamente contra o presidente. "Há preconceito em relação ao PT e a Lula. E também um ranço em relação aos governos Dilma 1 e 2 e à Lava Jato", disse no *Valor* de 29 de junho Marcelo Kayath, do fundo QMS Capital, um eleitor de Lula. "Infelizmente, vejo muita gente boa de mercado e muitos empresários grandes admitindo, à boca pequena, a possibilidade de conviver com uma ditadura como algo até positivo. Muita gente diz que talvez seja necessário o Brasil passar por um regime de exceção para consertar o País. É um imenso engano."

O juiz Moraes parece disposto, ao menos, a impedir que o engano se torne realidade. •

ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/AFP E LEONARDO PRADO/PGR/MPF

MARCOS COIMBRA

Bolsonaro onde sempre esteve

▶ Chegamos ao fim de agosto sem nenhuma mudança substancial das intenções de voto no ex-capitão, apesar do uso desbragado da máquina e da "guerra santa"

Agosto está no fim e, a cada dia, fica maior o obstáculo à frente das ambições do capitão. O motivo é simples: o tempo passa e diminui a chance da improvável reação que o tornaria competitivo. Em razão de alguns resultados de pesquisas estaduais, atravessamos o mês na expectativa, a especular a respeito da possibilidade de Bolsonaro estar em uma curva de crescimento. Os números davam a sensação de que, talvez, algo se movesse na estrutura das intenções de voto.

Mas não era verdade (certamente, não na escala apregoada), como vimos a seguir, com pesquisas mais abrangentes e, ao que parece, mais capazes de caracterizar o cenário em São Paulo, Minas Gerais e no Rio de Janeiro, os principais colégios eleitorais do País. Em retrospecto, vivemos semanas de apreensões desnecessárias, de um lado, e esperanças ilusórias, do outro. De acordo com as pesquisas de dois institutos respeitáveis, Ipec e Datafolha (os únicos agraciados com a classificação "muito confiável" pela *Folha de S.Paulo*, em uma cômica promoção publicitária de empresa que integra seu grupo econômico), a vantagem de Lula é ampla a esta altura da eleição. Mais relevante, os resultados do Datafolha mostram que, entre a pesquisa anterior, iniciada em 27 de julho, e 18 de agosto, data da última, a distância entre ele e o capitão teria diminuído em somente 3 pontos porcentuais (quanto ao Ipec, como foi a primeira pesquisa nacional publicada pelo instituto, é impossível falar em tendências).

Os resultados de ambos confirmam a probabilidade de Lula vencer a eleição no primeiro turno, apontada pelo conjunto das pesquisas presenciais desde março, na média daquelas publicadas a cada mês. O quadro é estável: Lula sempre acima de 50% dos votos válidos, com ligeiras variações mensais, dentro das margens de erro. A respeito do segundo turno, as pesquisas são quase idênticas e revelam dois números especialmente relevantes: **1.** Com 60% dos votos válidos, Lula estaria perto da maior vitória eleitoral de nossa história política, cerca de 25 milhões de votos a mais que Bolsonaro (somos 156 milhões de eleitores e é razoável esperar que haveria 75% de votos válidos em um segundo turno). **2.** Do primeiro para o segundo turno, as intenções de voto em Lula aumentam 7 pontos porcentuais, enquanto aquelas do capitão crescem 5 (de acordo com o Datafolha) ou 3 (segundo o Ipec).

Nos institutos "padrão-ouro" da mídia, o quadro, a 40 dias da eleição, era este. Lula com vantagem suficiente para vencer no primeiro turno e ampla liderança no segundo, com crescimento de um turno para outro. Utilizando as expressões usuais: com piso elevado e teto mais alto que o capitão.

E os 3 pontos de crescimento de Bolsonaro que o Datafolha encontrou? São, para ele, uma boa ou má noticia? Passamos agosto a aguardar os efeitos de meia dúzia de fatores que, de acordo com o que apregoavam comentaristas e entendidos em pesquisa (duas das categorias profissionais que mais crescem no Brasil), mudariam o jogo. Imaginaram que a redução do preço dos combustíveis faria de Bolsonaro um "amigo" dos consumidores. Apostaram que os 200 reais adicionais do tal Auxílio Brasil lhe dariam a imagem de político preocupado com as aflições dos mais pobres. Acharam que ganharia votos por meio da distribuição a rodo de auxílios, de caminhoneiros a taxistas, idosos e quem mais passasse na porta do Tesouro Nacional. Supuseram que os velhos ranços contra Lula e o PT nas classes médias e entre os mais ricos seriam reinflamados com a aproximação do pleito, o que levaria muita gente a descer do muro, perder o pudor e se proclamar bolsonarista. Aguardavam um tsunami evangélico, com milhões de adesões à candidatura do capitão, provenientes da militância de pastores e bispos, genuína ou comprada.

O resultado final disso tudo foram os 3 pontos, tão perto da margem de erro que é impossível, a rigor, falar em crescimento. Ou seja, tudo, da diminuição do preço da gasolina ao Auxílio melhorado, das benesses para muita gente à redução do voto envergonhado e à mobilização das lideranças religiosas bolsonaristas, moveu 3% do eleitorado. Se é que moveu alguma coisa. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

A vanguarda do atraso

CAPITAL Os empresários golpistas integram setores de baixa produtividade e exploradores de mão de obra barata

POR CARLOS DRUMMOND

Além do ultraconservadorismo político e ideológico, o que une os empresários flagrados em diálogos golpistas nas redes sociais e investigados pelo STF é a inserção em setores econômicos caracterizados pela prática da superexploração dos trabalhadores, apontam estudos setoriais e análises de especialistas. As empresas do grupo atuam no comércio varejista, na construção civil e no segmento de confecções, que utilizam grandes massas de trabalhadores mal pagos e submetidos a elevada rotatividade crônica.

Na terça-feira 23, o ministro Alexandre de Moraes, "xerife" das eleições, determinou a busca e apreensão, o bloqueio de perfis nas redes sociais e a quebra dos sigilos bancário e telemático de oito empresários bolsonaristas, por se declararem, no grupo Empresários & Política, do WhatsApp, favoráveis a um golpe de Estado, caso Lula vença em outubro. O octeto é formado por Luciano Hang, proprietário da cadeia de lojas Havan, Afrânio Barreira, controlador da rede de restaurantes Coco Bambu, José Isaac Peres, principal acionista da rede de shopping centers Multiplan, Ivan Wrobel, dono da W3 Engenharia, Marco Aurélio Raymundo, diretor da confecção de vestuário esportivo Mormaii, José Koury, sócio principal do shopping Barra World, Luiz André Tissot, o maior acionista do grupo comercial Sierra Móveis, e Meyer Nigri, fundador da incorporadora e construtora Tecnisa. Procurados pela imprensa, todos negaram defender a ruptura institucional e alguns fizeram juras de amor às eleições livres. Segundo consta, o grupo de troca de mensagens sofreu grande número de deserções após a ação do STF.

"Todos eles são ultraliberais, defensores da política econômica do Bolsonaro, portanto, a questão trabalhista está relacionada. Defendem um mercado de trabalho sem direitos e nenhuma regulação", dispara o economista José Dari Krein, do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho do Instituto de Economia da Unicamp. Os setores têxtil, de comércio

Assim como Bolsonaro, eles defendem um mercado de trabalho sem direitos

Modelo. O bolsonarismo empresarial inclui sonegação, contrabando e humilhações aos trabalhadores

e construção, diz Krein, tendem a pagar salários mais baixos em relação aos segmentos mais estruturados da economia. Eles se caracterizam por maior exploração do trabalho, mais problemas de não cumprimento da legislação e maior informalidade. "A tendência é de que, na folha salarial dessas empresas, o peso dos baixos salários seja menor do que numa indústria. A taxa de exploração direta sobre o salário tende a ser muito maior nas empresas do setor de serviços, por exemplo, cuja taxa de retorno está diretamente relacionada ao custo do trabalho e a forma como você pode extraí-lo", sublinha o sociólogo Clemente Ganz Lúcio, assessor do Fórum das Centrais Sindicais. As negociações coletivas são complicadas, pois os trabalhadores têm reduzida capacidade de organização. Os sindicatos são mais fracos, no sentido de terem menor capacidade de impor uma agenda única. O comércio tem muita dificuldade para alcançar acordos mais consistentes. Na construção civil, os sindicatos têm alguma capacidade, mas não dispõem de grande poder de barganha, pois o setor é muito marcado pela rotatividade.

A conexão entre golpismo e abuso de poder em relação aos trabalhadores fica clara em vários trechos dos diálogos entre os empresários. Koury, um dos defensores mais enfáticos de uma ruptura democrática, sugeriu no grupo de mensagens o pagamento de um bônus em dinheiro ou um prêmio para os funcionários das empresas que votassem de acordo com os seus interesses. Raymundo alertou para o risco de essa iniciativa ser considerada compra de votos. "Provavelmente, a artimanha está associada a outras práticas, fraudulentas, ou que fogem ao escopo civilizado de relação de trabalho. Essas empresas são claramente antissindicais, submetem os trabalhadores", destaca Ganz Lúcio. "Isso faz parte", acrescenta, "de uma lógica de negócios que o Bolsonaro expressa. Bandidagem, crime, está tudo no mesmo escopo de negócios de apropriação do Estado, da força de trabalho e da natureza. As dimensões da expropriação que eles têm como referência são as mais extensas possíveis", destaca o sociólogo.

Caso-símbolo do bolsonarismo empresarial, a Havan e seu proprietário, Luciano Hang, "foram muito beneficiados com a ampliação do mercado de consumo e da empresa nacional nos governos do PT e também com Temer e Bolsonaro, pelo arrocho salarial que reduziu o seu custo", ressalta Krein. A empresa cres-

ceu com substancial auxílio de recursos públicos, principalmente por meio de 50 empréstimos do BNDES, de cerca de 20 milhões no total. Outro reforço de caixa veio da prática contumaz da sonegação de impostos e tributos que deveriam beneficiar os trabalhadores e o conjunto da sociedade, como mostram fatos amplamente divulgados no noticiário. Antes de ser exceção, a prática é, entretanto, habitual em boa parte das empresas, em especial entre aquelas comandadas por ardorosos bolsonaristas.

Os setores têxtil, de comércio e construção, das empresas envolvidas, tendem a pagar salários mais baixos

Uma investigação do jornal espanhol *El País* nos arquivos do Pandora Papers revelou que Hang manteve durante 20 anos uma empresa em um paraíso fiscal no valor de 112,6 milhões de dólares, dinheiro gerado no Brasil e que deveria pagar tributos no País, mas foi ocultado no exterior, longe do alcance da Receita Federal. Esse dinheiro é suficiente para pagar, com sobra, sua dívida acumulada de 168 milhões de reais com a Receita e o INSS, mas o empresário tem 115 anos para saldar o débito. Em uma denúncia criativa, 50 integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto fizeram compras em uma loja da Havan em São Paulo, no dia da votação da reforma da Previdência, em 2019, e apresentaram como pagamento um cheque no mesmo valor da dívida tributária e previdenciária de Hang.

Em 2020, a Receita Federal descobriu uma sonegação previdenciária da Havan de quase 2,5 milhões de reais, em valores deflacionados. O calote é semelhante àquele que levou à condenação em segunda instância de Hang pelo mesmo crime, em 2003, quando houve um acordo para pagamento do débito. Em 2008, o bolsonarista recebeu uma pena por corrupção e lavagem de dinheiro. Em 1999, ele e o irmão João Luiz, seu sócio, foram processados por contrabando pela Justiça Federal de Blumenau, em Santa Catarina, segundo apurou o jornal *Extra Classe*. A empresa não havia declarado 1,5 tonelada de veludo, importado pelo Porto de Itajaí. Foi delatado pelos concorrentes, autuado em 120 milhões de reais pela Receita Federal, mas, em 2000, veio o Refis, de FHC, para regularização extraordinária de débitos com a Receita Federal e o empresário salvou-se do processo penal.

Segundo uma denúncia, Hang pagava uma parte do salário de seus funcionários "por fora", sem registro em carteira, para burlar o Fisco e reduzir o custo das contribuições à Previdência. No período

Degradação. Os lucros do comércio são majorados com o trabalho instável e mal remunerado. Parte dos operários do setor de eventos vive nas ruas ou em albergues

apurado da fraude, de 1992 a 1999, o "véio da Havan" sonegou mais de 10 milhões de reais, segundo o Ministério Público Federal. Na eleição de 2018, o Ministério Público do Trabalho proibiu o empresário de ameaçar de demissão os funcionários que não votassem em Bolsonaro e estabeleceu multa de 500 mil reais em caso de reincidência. Não é o único do gênero. Tissot, o maior acionista do grupo comercial Sierra Móveis, foi acionado pela Justiça por causa da mesma prática.

Outro exemplo significativo de atitudes frequentes entre os integrantes do grupo investigado pelo STF é o da rede de restaurantes Coco Bambu. A empresa é acusada de violar a suspensão de contratos na pandemia e demitir 20% dos funcionários com pagamento apenas parcial do valor da rescisão, praticar jornadas de trabalho de até 12 horas diárias, discriminar mulheres na contratação para estágio, sonegar impostos e humilhar funcionários convocados a puxar palavras de ordem laudatórias à companhia, na inauguração de lojas. Foi notificada pela vigilância sanitária do Piauí por fornecer pizza com baratas na embalagem e condenada a indenizar uma mãe de criança autista por constrangimento, em São Bernardo do Campo. "A humilhação de funcionários e a pressão para votarem em Bolsonaro, praticadas pelo dono da Coco Bambu, expressa uma visão de mundo desse grupo, um tipo de lógica de negócios associada àquela própria de crimes. Fazem parte de um coletivo que pensa o mundo desse modo em relação ao Estado, aos trabalhadores e ao papel do governo", sublinha Ganz Lúcio. "São empresários mais que liberais, fascistoides, no sentido de quererem mesmo estourar os trabalhadores. É uma coisa comum a eles, a insensibilidade social", ressalta Krein.

Uma evidência dos extremos da degradação imposta por ao menos parte das empresas do setor de serviços são alguns relatos de moradores de rua reunidos na quinta-feira 18 em São Paulo, com dirigentes sindicais, por iniciativa do padre Júlio Lancellotti, da Pastoral do Povo da Rua. O encontro fez parte das atividades do programa de enfrentamento do ódio aos pobres, difuso na sociedade e que aparece em intervenções urbanas das prefeituras para dificultar o abrigo sob viadutos, marquises e outros locais públicos. "O que pude perceber é que há uma imensa dificuldade para eles conseguirem emprego formal, devido a não terem residência fixa. Quando as empresas veem que eles moram em albergues, não são aceitos. Outra reclamação constante é que são 'contratados' para a montagem de grandes eventos, como Fórmula 1, Réveillon, Lolapalooza e outros, por salários irrisórios e sem condições adequadas de trabalho. Chegam a trabalhar 12 horas para receber apenas 50 reais", relata Paulo Pedrini, professor de História e integrante da Pastoral Operária, que participou do encontro. Cerca de 40% da população moradora de rua em São Paulo, estimada em cerca de 35 mil indivíduos, coleta materiais recicláveis e menos de 5% trabalha para empresas do setor de serviços, em uma relação marcada por péssima remuneração, informalidade e instabilidade. "Os empresários golpistas", resume Krein, "não querem legislação trabalhista nem instituições públicas do trabalho. Pretendem um poder absoluto da empresa na determinação da relação de emprego, anseiam pelo mesmo mercado de trabalho que Bolsonaro defende, próximo da informalidade, ou seja, sem direitos e sem proteção social. Em suas propostas, transparece um modelo de País com exploração do trabalho de forma mais intensa e grande miséria." •

ISTOCKPHOTO E REDES SOCIAIS

Nem Freud explica

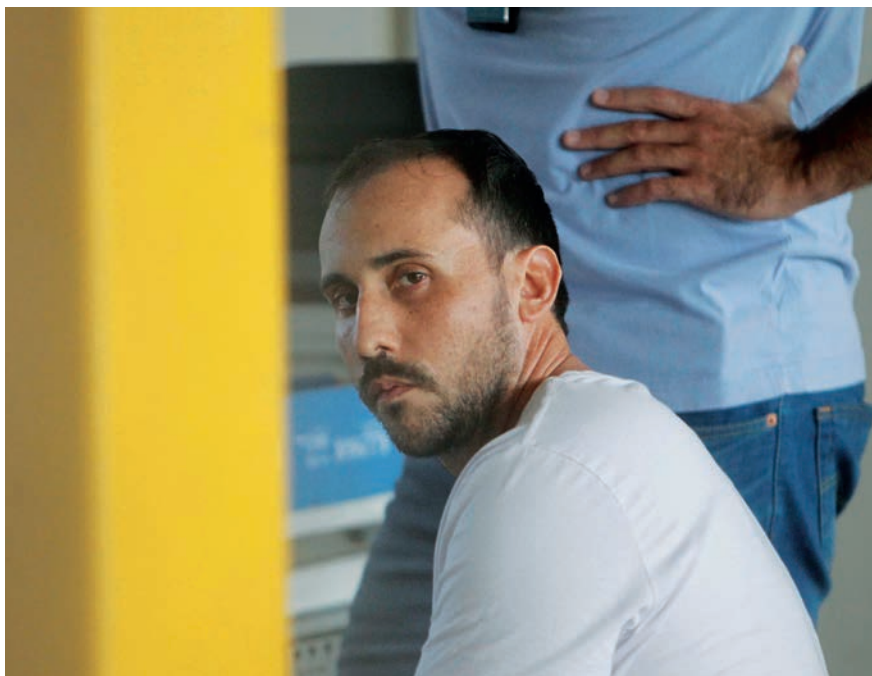
CELEBRIDADE Após acusação de estrupo de vulnerável, Gabriel Monteiro reforçou a legião de seguidores nas redes sociais e será puxador de votos para o PL no Rio

POR MAURÍCIO THUSWOHL

Catapultado à condição de "celebridade nacional" assim que vieram à tona os crimes em série que protagonizou, o influenciador digital e agora ex-vereador carioca Gabriel Monteiro, do PL, foi cassado na última semana com os votos de 48 de seus colegas. "Tirar meu mandato, senhores, é decretar a minha morte", disse, com os olhos marejados, ao plenário. Nada poderia estar mais longe da verdade. Apesar dos episódios de estupro de vulnerável, assédio sexual e exploração e exposição de crianças pobres e pessoas em situação de rua nas redes sociais, crimes elencados pela Comissão de Ética da Câmara dos Vereadores do Rio, Monteiro não tem motivos para choramingar, já que é candidato a deputado federal e, segundo estimativas de seu partido, deverá ser o puxador de legenda e obter algo em torno de meio milhão de votos.

Com a bênção do clã Bolsonaro (é amigo de Carluxo), Monteiro apoia-se nos espantosos 4,4 milhões de seguidores no Instagram, número que quadruplicou desde que foi eleito há dois anos pelo PSD, quando ainda era policial militar e foi o terceiro candidato a vereador mais votado no Rio. Curiosamente, cerca de 1 milhão de seguidores chegaram ao rebanho após terem se multiplicado as comprovações dos crimes cometidos por Monteiro, que, entre outras coisas, filmou relações sexuais com uma menina de 15 anos, vídeo que, em outra demonstração nada nobre da natureza humana na internet, viralizou nas redes sociais.

Mas o que explica a atração de parte dos brasileiros por agressores, predadores sexuais e afins? Vale dizer que, no quesito número de seguidores, o ex-vereador não está sozinho. Outro exemplo recente e estarrecedor é o anestesista Giovanni Quintella Bezerra, flagrado ao estuprar uma paciente durante o parto em um hospital do Rio e em seguida acusado do mesmo crime por diversas outras pacientes. Após ganhar 10 mil novos seguidores no dia seguinte à divulgação do crime na mídia, ele teve o perfil desativado pelo Instagram antes que virasse um novo "fenômeno".

A lista não é pequena. O músico Iverson de Souza Araújo, conhecido como DJ Ivis, protagonista no ano passado de um vídeo no qual agride a mulher na frente da filha, ganhou 300 mil novos seguidores desde o ocorrido e hoje totaliza 1,1 milhão no Instagram. Casos considerados "polêmicos" também desper-

"Fenômeno". Bezerra ganhou 10 mil seguidores após a divulgação do crime na mídia

Capital. Monteiro possui espantosos 4,4 milhões de seguidores no Instagram

FERNANDO FRAZÃO/ABR E REGINALDO PIMENTA/AG. O DIA/ESTADÃO CONTEÚDO

O *youtuber* não está só. O anestesista Giovanni Bezerra, flagrado ao estuprar uma paciente, e o agressor DJ Ivis também ganharam milhares de fãs

tam a doentia curiosidade nas redes. O ex-morador de rua Givaldo Alves, que ficou famoso como o "mendigo pegador" após o incrível episódio em que manteve relações sexuais com uma mulher em surto psicótico, dentro do carro dela, tem 429 mil seguidores no Instagram e hoje sobrevive do que fatura nas redes sociais. Preconceito e violência verbal são outros ímãs para atrair adeptos, como prova o ex-deputado paulista Arthur do Val, oriundo do mesmo MBL que pariu Gabriel Monteiro. Apesar do impacto do áudio no qual afirma que as refugiadas ucranianas "são fáceis porque são pobres", ele perdeu o mandato na Assembleia Legislativa, mas não teve o sucesso abalado no Instagram, onde mantém 647 mil seguidores.

Na tentativa de entender o que vai à alma daqueles brasileiros que seguem esse tipo de "celebridade", a psicanalista e escritora Maria Rita Kehl afirma que "as pessoas se sentem empoderadas ao quebrar tabus" ou ficam fascinadas com quem o faz: "Nossas conquistas civilizatórias se alicerçam em alguns tabus. A dignidade de todas as pessoas, por exemplo. A inviolabilidade dos corpos. A igualdade de direitos acima de diferenças de credo, classe social, cor da pele etc. Aquele que se declara acima de todos os tabus, de todos os limi-

tes estabelecidos pelas regras implícitas que propiciam a vida em sociedade, pode parecer mais corajoso, mais ousado, mais forte do que os que respeitam tais limites. Pode tornar-se uma celebridade em cinco minutos", diz. Mas, alerta, "poucos se dão conta de que com frequência tais manifestações de ousadia advêm de um tipo de doença de caráter, a qual chamamos sociopatia".

Para o sociólogo e cientista político Rodrigo Prando, a atração por figuras como Monteiro pode ser explicada pelo fato de os brasileiros terem vivenciado ao longo dos séculos um encontro quase cotidiano com situações de violência: "Não podemos esquecer que a violência esteve presente no bojo de uma sociedade cuja escravidão era mobilizadora da força de trabalho. A escravidão sustenta-se em larga medida com base na violência, e esta acaba se espraiando para o cotidiano", diz. Ele cita Gilberto Freyre em *Casa-Grande e Senzala*, quando este faz a advertência de que o brasileiro gosta de um governo autoritário porque a cultura nacional tem a violência como algo intrínseco: "Hoje, esses influenciadores têm amplificação porque, de certa maneira, isso está presente na sociedade brasileira, que, queiramos ou não, é muito violenta dentro de casa, no trabalho e nas relações afetivas. Há uma raiz sociológica evidente que torna a violência um elemento cotidiano e desperta muita atenção porque mobiliza sentimentos e tem um conteúdo emocional que leva a um apelo quase imediato".

Virada. Givaldo Alves, o "mendigo pegador", agora sobrevive com a renda obtida pela fama nas redes sociais

O papel de Jair Bolsonaro não é esquecido pelos especialistas. "Temos um presidente que incita a violência, o desrespeito e a crueldade, como nos episódios em que imitou, debochado, pessoas com Covid que não conseguiam respirar. A autoridade máxima da nação despreza ostensivamente a dor alheia e incita a violência social", diz Kehl. Ela acrescenta que a contaminação das redes pela difusão dos discursos de ódio é evidente: "Aliás, contágio é a palavra do momento, pois se presta a definir várias modalidades de difusão de doenças, sejam físicas ou sociais". Para Prando, o bolsonarismo "é mais sintoma do que causa" da glorificação da violência, mas o sociólogo ressalta que um líder político sempre serve como exemplo: "Se ele tem um comportamento considerado aceitável, republicano e virtuoso, muitas pessoas buscarão se comportar da mesma maneira. Se o comportamento for distinto disso, acontecerá também de o comportamento na sociedade ser diferente".

Relator do processo que levou à cassação do mandato de Monteiro, o vereador Chico Alencar, do PSOL, tem um ponto de vista interessante: "Eu não diria que os brasileiros em geral têm preferência por pessoas violentas. Vivemos em uma sociedade muito violenta e a visibilidade de um heroísmo atravessado que alguns bandidões poderosos e fortões adquirem – mais pelo argumento da força do que pela força dos argumentos – tem seus adeptos e imanta uma parte da nossa sociedade em todas as classes sociais. Os oprimidos muitas vezes veem naquela figura um justiceiro em uma sociedade injusta e os ricos sabem que, na verdade, essas pessoas defendem a ordem desigual estabelecida, inibindo o

aumento da consciência popular e a revolta organizada. São válvulas de escape individualizadas”.

Alencar, que durante o processo recebeu ameaças dirigidas a ele próprio e a integrantes de sua família nas “redes antissociais”, como chama, afirma que, além das fartas provas contra si, Monteiro tinha prestígio zero entre os vereadores: “Era uma figura considerada arrogante e prepotente, em um viés absolutamente individualista e característico desse fenômeno novo na política brasileira: os *influencers* e *youtubers*. Ele exercia o mandato nessa perspectiva”. Para o vereador, a Câmara cumpriu seu papel no processo ético e disciplinar: “Agora, é com a Justiça Criminal e Eleitoral”.

Nessas duas searas, as investigações não devem impedir que Monteiro chegue à Câmara dos Deputados. Do ponto de vista eleitoral, apesar de existir o entendimento de que a inelegibilidade de dez anos decorrente da cassação em nível municipal já deva ser considerada na atual disputa, provavelmente não haverá tempo para que os recursos contra Monteiro apresentados por Rede e PSOL sejam analisados pelo Tribunal Superior Eleitoral antes do pleito em outubro. Isso não impede que o mandato de deputado venha a ser cassado mais tarde, mas, se seguir os trâmites habituais, todo o processo poderá durar até dois anos. O PL mantém a aposta, de olho em uma bancada fluminense que, com os votos esperados para o influenciador digital, pode ultrapassar os dez deputados.

> “Bolsonaro representou a ‘libertação’ dos sociopatas que até então, provavelmente, agiam apenas em família”, analisa Kehl

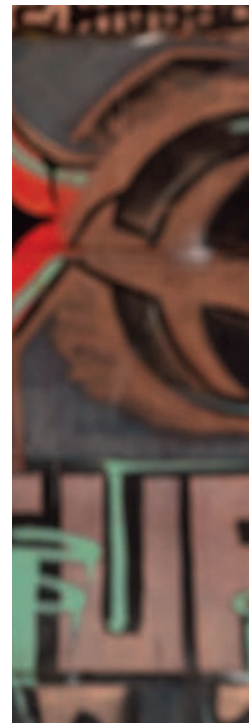
O Ministério Público Eleitoral pede que Monteiro não use recursos do Fundo Partidário, mas isso não deverá ser problema para o ex-vereador, que chega a faturar 300 mil reais mensais com a monetização de seus vídeos pelo YouTube. Na esfera criminal, ele responde a dois processos: um por importunação e assédio sexual, movido por uma ex-assessora, e outro por ter filmado relações sexuais com adolescentes. Não há previsão para a conclusão de ambos.

Com a expectativa da chegada de Monteiro a Brasília, resta a apreensão acerca dos perfis dos novos influenciadores digitais que fatalmente serão eleitos para a próxima legislatura. “Os políticos não nascem em uma horta de onde são colhidos e saem para o Congresso. Nascem no seio da sociedade. Em larga medida, a qualidade da democracia e de seus representantes depende da qualidade dos valores que a sociedade considera mais importantes e relevantes para a vida coletiva”, diz Prando.

Na avaliação de Kehl, é preciso examinar o passado para tentar entender como chegamos até aqui: “Bolsonaro representou a ‘libertação’ dos sociopatas que até então provavelmente agiam apenas em família: pais e mães espancadores de crianças, pessoas racistas, homofóbicas, estupradores de mulheres, pessoas com ódio aos pobres etc. Bolsonaro liberou o discurso que essa turma precisava para sair do armário”, diz. Um eventual retorno ao normal não será tarefa fácil, opina a psicanalista: “Com a provável substituição do sociopata do Planalto por um presidente no mínimo respeitador das leis, os dispositivos de ódio não serão automaticamente desarmados, mas, na melhor das hipóteses, sua sustentação simbólica será abalada. Torço por isso, com esperança e angústia”. •

ANA PAULA PAIVA/VALOR/FOLHAPRESS E REDES SOCIAIS

Alerta. O ódio semeado pelo capitão não será neutralizado da noite para o dia, diz Kehl

LUCAS AVILA E REDES SOCIAIS

Nem uma a menos

GÊNERO Sub-representadas na política, as brasileiras prometem reagir nas urnas

POR FABÍOLA MENDONÇA

Elas são maioria da população (51,1%) e do eleitorado (53%) e têm uma vida partidária atuante, representando 47% das pessoas filiadas às agremiações políticas. Os números, no entanto, estão longe de ser passaporte para as mulheres chegarem aos espaços de poder, seja nos próprios partidos, seja nos cargos eletivos. Dos 513 deputados federais, apenas 77 são mulheres (15%), porcentual um pouco maior que os 12% que elas representam no Senado, com apenas 14 dos 81 assentos. Os dados colocam o Brasil na 132ª colocação entre 193 países analisados pela Women in Parliament, plataforma que contabiliza a representação feminina nos Parlamentos em todo o mundo. O País fica atrás de quase todos os vizinhos da América Latina. Nem mesmo a Arábia Saudita, uma monarquia hereditária regida pela lei islâmica, possui uma disparidade tão grande. A sub-representação das brasileiras, associada ao avanço do conservadorismo com ataques sistemáticos às pautas das mulheres, tem provocado uma reação do movimento feminista, que promete, nas eleições de outubro, eleger suas representantes e aumentar a bancada do segmento no Congresso Nacional e nas Assembleias Legislativas.

"No ano em que o voto feminino completa 90 anos de um percurso ainda incompleto de garantia de direitos políticos para as mulheres, convocamos todas as eleitoras e cidadãs a darem seus votos de confiança e apertar o verde para uma feminista, reordenando a fotografia do poder, com mais deputadas estaduais e federais, senadoras e governadoras." A orientação consta no manifesto lançado pela campanha "Meu Voto Será Feminista", com a adesão de mais de 120 candidaturas, cuja finalidade é contribuir para a formação de bancadas progressistas e feministas nos Legislativos. O projeto nasceu nas eleições de 2018 e tem como foco estimular mulheres a atuarem no campo político, dar visibilidade às candidaturas femininas e conscientizar eleitoras a votarem em mulheres que defendam uma pauta progressista.

Se, historicamente, a agenda feminista sempre encontrou dificuldades no Brasil, com o avanço do conservadorismo a situação piorou. O debate de temas como aborto e direitos reprodutivos está interditado e quem ousa pautar a discussão está sujeito ao linchamento público, moti-

Preconceito. "As mulheres que entram na política sem tutor sofrem toda sorte de violência", denuncia Cirne. "A política é um espelho da sociedade", emenda Salabert

vo de alguns coletivos se organizarem para formar bancadas feministas Brasil afora. "Nossa estratégia é fomentar a participação das mulheres na política institucional e reduzir as desigualdades de condições de disputa entre homens e mulheres, buscando inserir no projeto negras, indígenas, quilombolas e formar um campo plural e progressista", explica a jornalista Juliana Romão, uma das gestoras do Meu Voto Será Feminista. Na plataforma, é possível acessar um mosaico com o perfil e as propostas de todas as candidatas comprometidas com o projeto, que assinaram uma carta de compromisso na defesa da agenda feminista.

Para Marlise Matos, professora do Departamento de Ciência Política da UFMG, o pluralismo na representação é um princípio democrático estruturante. "Se você tem um Parlamento com 85% de homens, quase todos brancos, eles estão lá a partir de um lugar e decidem orientados pela sua perspectiva de mundo. E quem vai defender mulheres negras, indígenas e trans? É urgente que no jogo democrático também tenha a perspectiva das mulheres na sua diversidade, para que outras visões de mundo compareçam nas tomadas de decisão." Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) foram registradas para a disputa eleitoral deste ano 9.604 candidaturas femininas, de um total de 28.697, ou seja 33,47%. Os números mostram um leve aumento em relação ao pleito de 2018, quando 32% dos registros foram de mulheres. "A gente tem uma história de domínio masculino na política que é um problema em si para a democracia", diz Flávia Biroli, cientista política da UnB e membro do Observatório das Eleições.

Vereadora do Recife no primeiro mandato e candidata a deputada federal pelo PT, Liana Cirne afirma que os homens não estão dispostos a perder seus espaços de poder e que as "mulheres que ingressam

#ELASSIM

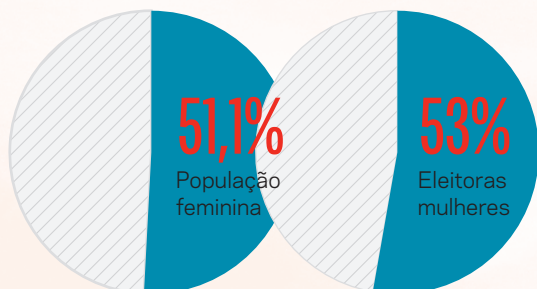
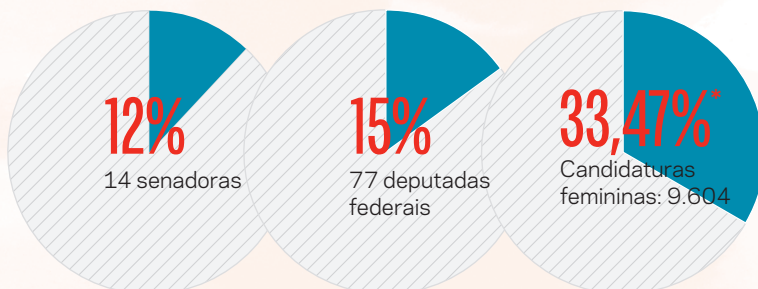
51,1% População feminina

53% Eleitoras mulheres

MULHERES NO CONGRESSO

12% 14 senadoras

15% 77 deputadas federais

33,47%* Candidaturas femininas: 9.604

Fonte: Pnad/IBGE e TSE

* Os números podem sofrer alterações, caso a Justiça Eleitoral indefira alguma candidatura.

na política sem um 'tutor' sofrem toda a sorte de violência política de gênero". Ela mesma se diz vítima desse tipo de prática, quando policiais militares, que agiam de forma violenta contra um protesto que acontecia no centro da capital pernambucana, dispararam *spray* de pimenta diretamente nos olhos da parlamentar, a uma distância de um palmo do seu rosto. "Não há registro de uma violência física tão brutal contra um parlamentar eleito identificado como tal. Não é coincidência que essa violência tenha ocorrido contra uma mulher", dispara. O caso se passou durante a dispersão de uma manifestação pacífica contra o governo Bolsonaro, em 2021, quando a PM pernambucana atirou com balas de borracha contra os manifestantes, atingindo o rosto de dois homens que terminaram perdendo a visão com tamanha brutalidade.

Violência de gênero é algo constante também na vida de Duda Salabert, mulher trans, candidata do PDT a uma vaga na Câmara Federal por Minas Gerais. Eleita com mais de 37 mil votos em 2018 para vereadora de Belo Horizonte, a parlamentar tem sido alvo frequente de grupos neonazistas que ameaçam ela e sua família com todos os tipos de violência. Para a parlamentar, os ataques partem de grupos que se sentem ameaçados com o aumento da participação de minorias sociais em todos os espaços. "Isso é parte e um espelho da sociedade, que é machista e preconceituosa. A legislação é importante para começarmos a garantir alguma paridade na disputa eleitoral, mas é preciso muito mais. A política deve ser um ambiente efetivamente democrático, em que haja representação de todos os setores da sociedade, com igualdade de condições para competir", salienta a vereadora.

Flávia Biroli chama atenção para o cumprimento da legislação eleitoral, que determina às legendas e federações o mínimo de 30% de reserva de vagas a candidaturas de um dos sexos, o que, na prática, esse porcentual termina ficando para as mulheres. Também consta na lei a destinação de, no mínimo, 30% dos fundos eleitoral e partidário para aplicação em campanhas femininas, mesma proporção que as mulheres devem ocupar no programa eleitoral gratuito de rádio e televisão e nas inserções anuais a que as legendas têm direito. A lei não deixa claro, no entanto, se os índices contemplam todas a candidaturas, para o Legislativo e o Executivo, nem se é permitido utilizar a cota do fundo para financiar chapas majoritárias. Segundo a professora da UnB, os partidos passaram a registrar candidaturas femininas para o cargo de vice, como aconteceu em 2020 nos cargos de vice-prefeita. "A lei não é clara, não diz se esses recursos não podem ser aplicados nesses cargos. Diz só que precisam ser aplicados às mulheres." Este ano, foram registradas 90 candidaturas para vice-governadora e cinco para vice-presidente. Ainda sobre as chapas majoritárias, há 38 candidatas a governadora, 54 a senadora e 4 mulheres disputando a Presidência da República.

Nem mesmo a Arábia Saudita tem tão poucas mulheres no Parlamento

Em toda a história do Brasil, apenas uma mulher sentou na cadeira de presidente, Dilma Rousseff, eleita em 2010 e reeleita em 2014. Mesmo assim, teve seu segundo mandato abreviado, cassado no golpe de 2016 por, em sua maioria, parlamentares homens. Este ano, Simone Tebet, do MDB, Vera Lúcia, do PSTU, Soraya Thronicke, do União Brasil, e Sofia Manzano, do PCdoB, disputam a vaga com oito homens e praticamente sem chance de sucesso, segundo as pesquisas eleitorais. Tebet aparece estagnada com 2% das intenções de votos, Vela Lúcia com

Barreira. Tebet e Thronicke figuram entre as poucas mulheres que lideram chapas para o Executivo. Bezerra foi a única governadora eleita em 2018

REDES SOCIAIS E GERALDO MAGELA/AG.CÂMARA

1% e as outras duas ficam abaixo desse porcentual. "Minha candidatura não é importante apenas para nós, mulheres, mas para o Brasil. Sou uma alternativa à polarização, e isso independe se o candidato é homem ou mulher", explica Thronicke, candidata pouco conhecida do eleitorado, que substituiu Luciano Bivar na disputa no fim de julho, na reta final para a realização das convenções partidárias.

A sub-representação nos estados também é grande. Dentre as 27 unidades da federação, as urnas de 2018 elegeram apenas uma governadora, a petista Fátima Bezerra, no Rio Grande do Norte, que disputa a reeleição. "As mulheres não veem incentivo na vida partidária, dada toda a dificuldade que encontram nesse meio ambiente. Os grandes partidos de esquerda não elegem muitas mulheres, assim como os de direita. A gente passa anos fazendo campanha e nessa hora vê que a maioria dos nomes da esquerda é masculina. Não vai mudar isso só fazendo militância, mas disputando votos. É uma vergonha que as mulheres estejam ainda votando em homens", opina Débora Thomé, doutora em Ciência Política e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense.

Este ano, o maior número de candidatas é para cargos proporcionais: 3.611 tentam se eleger deputadas federais, 5.453 deputadas estaduais e 205 deputadas distritais. Há ainda 59 nomes postos para a vaga de primeira suplente de senadora e 85 para segunda suplente. "Os movimentos feministas têm um papel crucial na organização dessas mulheres, investindo na formação política para ajudá-las a pensar qual é o seu papel na representatividade e na sociedade, observando os contextos e as estruturas de uma forma mais ampla", salienta Rosa Marques, da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco e membro do coletivo "Eu Voto em Negra". Ela defende que, nos Parlamentos, as mulheres atuem de forma coletiva, independentemente de partido, religião, classe social ou raça.

"O Legislativo precisa ser representativo. Se, antes, o entendimento era de que política se fazia por homens, sobretudo os brancos, hoje as pessoas têm buscado cada vez mais se identificar com os candidatos. E quem representa as mulheres são as mulheres. Se somos maioria na vida, precisamos ser maioria na política também", destaca Divaneide Basílio, vereadora em Natal pelo PT e candidata a deputada federal.

Ainda que as mulheres sejam minoria na disputa de outubro, é possível um esforço por parte de alguns partidos em eleger uma bancada feminina representativa, até porque vão poder engordar os cofres das legendas. Isso porque a legislação diz que serão contabilizados em dobro os votos conquistados por mulheres e negros, para efeito de cálculo para repasse do fundo partidário nas eleições seguintes. •

Relógio implacável

MINAS GERAIS Alexandre Kalil corre contra o tempo para se tornar conhecido no interior e vincular sua imagem à de Lula

POR MARIANA SERAFINI

O mineiro tem fama de ser tranquilo e paciente, mas Alexandre Kalil, candidato ao governo de Minas Gerais pelo PSD, terá de apressar o passo para levar a disputa ao segundo turno. Apesar de a distância ter reduzido nas últimas semanas, o governador Romeu Zema ainda lidera com folga a corrida pelo Palácio Tiradentes com 46% das intenções de voto, segundo a pesquisa Real Time Big Data de 19 de agosto. Considerados apenas os votos válidos, estaria reeleito se a votação ocorresse naquela data. O ex-prefeito de Belo Horizonte, por sua vez, figura com 34% das preferências, mas tem potencial para crescer. Quando seu nome é associado ao de Lula, Kalil atinge 41%. A grande dúvida é: há tempo suficiente para o mineiro mostrar ao eleitorado que está associado ao líder petista?

Com o *slogan* "Do lado do Lula, do lado do povo", Kalil acelera para emplacar a parceria com o ex-presidente. O coordenador da campanha nas redes sociais, Juliano Corbelini, alerta, porém, que o principal desafio, além de consolidar essa associação, é conseguir fazer a mensagem chegar ao interior do estado. "Além de explicitar a aliança presidencial, precisamos mostrar o que ele fez como prefeito de Belo Horizonte, porque ele ainda é muito desconhecido em Minas, um estado muito grande." Kalil deixou a gestão da capital com 73% de aprovação, mas nem todos sabem disso, acrescenta.

A questão é que restam pouco mais de 30 dias para tornar o candidato conhecido no interior e, mais que isso, reforçar a aliança com o ex-presidente. "O problema é exatamente o tempo", observa a cientista política Luciana Santana, professora da Universidade Federal de Alagoas e integrante do Observatório das Eleições, uma iniciativa do Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação. "Kalil demorou muito até definir o Lula como aliado ao palanque dele, e agora aposta todas as fichas numa campanha que consiga compensar o tempo perdido."

Na internet, explica Corbelini, o esforço de comunicação precisa ser tão grande quanto o despendido no rádio e na tevê, com um cuidado adicional: é necessário criar uma interação orgânica do eleitorado. "A internet tem outro objetivo, que é o engajamento. Isso vai ocupar muito do nosso esforço, criar mecanismos de engajamento e ter uma boa rede de distribuição de informações via WhatsApp. A gente sabe que a máquina bolsonarista vai agir em Minas Gerais, e precisamos ter um exército mobilizado para nos defender das *fake news* e dos ataques que virão."

> **Quando associado ao líder petista, o ex-prefeito de Belo Horizonte atinge 41% das intenções de voto**

Para o ex-governador Fernando Pimentel, do PT, o aliado Kalil precisa melhorar a estratégia de campanha e mostrar ao eleitor mineiro a que veio, só colar com Lula não basta. "O *slogan* dele no começo era "Cola no Kalil", num primeiro momento isso surte um efeito, mas agora ele precisa dizer a que veio, apresentar um plano de governo", diz. "Ele repete muito o discurso do Lula, de cuidar dos mais pobres. Isso vale para o cenário nacional, mas também precisa falar das questões locais."

Na avaliação do cientista político Leonardo Avritzer, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Kalil chegou a um momento crucial da campanha. "Se não subir logo nas pesquisas, corre o risco de desanimar o eleitorado e perder votos, o que também seria ruim para a campanha de Lula", afirma. "Existem algumas questões em jogo: ele vai subir à medida que o eleitorado souber que ele está ligado ao Lula? As pesquisas dizem que sim. A maior parte das pessoas diz não saber que ele é o candidato do Lula, e mostra-se disposta a votar no candidato apoiado pelo ex-presidente."

Diferentemente do ocorrido em 2018, o horário eleitoral gratuito na tevê aberta terá papel central, avaliam Pimentel, Avritzer e Santana. O ex-governador e os cientistas políticos concordam que Kalil deverá apostar pesado nos programas de tevê para associar a imagem dele a Lula e conquistar o eleitor mineiro.

Padrinho. Kalil aposta na força de Lula para reverter a desvantagem em relação a Zema, na dianteira das pesquisas

RICARDO STUCKERT E REDES SOCIAIS

Por mais que tenha reduzido a diferença com Bolsonaro na última semana, Lula ainda mantém 11 pontos porcentuais de vantagem sobre o atual presidente em Minas, segundo o instituto Datatempo. Divulgada na segunda-feira 22, a sondagem mostra o petista com 44,2% das intenções de voto no estado, seguido pelo ex-capitão com 33,1%. No mês passado, Lula tinha 45,1% e Bolsonaro, 30%.

Kalil tem motivos para torcer pelo crescimento do candidato bolsonarista Carlos Viana, do PL. Na pesquisa Real Time Big Data mencionada no início da

reportagem, ele figura com 9% das intenções de voto. Se aumentar esse porcentual, vai contribuir para retirar votos de Zema, pois ambos disputam o mesmo eleitorado, observa Avritzer. Ironia do destino, o candidato de Bolsonaro pode ser o passaporte para o segundo turno de Kalil, aliado de Lula. "Se a disputa for para o segundo turno, Zema corre risco", aposta Pimentel. "Imagine o Lula eleito no primeiro turno vindo a Minas fazer campanha pro Kalil? Ou mesmo que Lula esteja no segundo turno, com palanque em Minas ao lado do Kalil? Do outro lado, o governador estará do lado de quem? De Bolsonaro?"

Depois de vencer as eleições em 2018 no embalo da onda bolsonarista, Zema busca a todo custo desvincular a sua imagem do ex-capitão. "Não por acaso, ele se apresenta como o candidato que está fora da polarização entre Lula e Bolsonaro. O apoio do atual presidente traria mais prejuízos que benefícios", observa Avritzer. Mas não será tão simples desfazer essa associação, emenda Santana. "Você há de concordar comigo: não dá para dizer ao eleitor que Zema não tem relação alguma com Bolsonaro. Ele tem. Até porque, em vários momentos de seu mandato, ele foi um dos governadores que mais manifestaram apoio ao presidente."

Zema parece ter consciência dos riscos de a disputa avançar para o segundo turno. "Ele está tão preocupado que, nesta semana, deu uma declaração muito sugestiva: 'Num segundo turno, eu estarei com Bolsonaro, não estarei com Lula, eu não voto no PT'", observa Pimentel. "Ele já deu um passo em direção ao Bolsonaro e precisa dar mesmo, senão o Viana arrebata aí 10%, 12% dos votos e empurra a eleição para o fim de outubro."

Minas Gerais tem 16 milhões de eleitores e, assim como no cenário nacional, o voto das mulheres e dos evangélicos pesa na balança. Luciana Santana é taxativa ao dizer: "O que vai definir o resultado é o voto evangélico, porque, em Minas, diferentemente do que ocorre no Rio de Janeiro ou em São Paulo, a igreja evangélica está muito inserida nas classes média e média alta. A Igreja Batista tem células em todos os municípios, em todos os bairros. E, hoje, quando a gente vê onde o Bolsonaro cresceu aqui no estado, é justamente nos redutos eleitorais dos evangélicos".

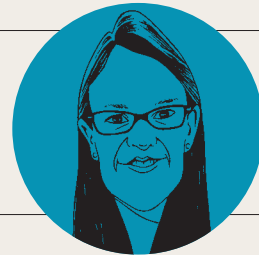
Voto útil. Kalil torce para o bolsonarista Carlos Viana roubar uns pontinhos de Zema

ROQUE DE SÁ/AG. SENADO

Ironia do destino, o candidato de Bolsonaro pode ajudar o homem de Lula a chegar no segundo turno

Na primeira quinzena de setembro, Lula vai cumprir uma agenda importante na região Norte de Minas, uma vez que o Sul é dominado por Zema, explica Pimentel. "Eles irão a Montes Claros, que é o maior município do Norte, e isso pode dar uma alavancada. Aliás, o Kalil está trabalhando bastante no Norte, na Zona da Mata." O maior inimigo, pondera o ex-governador, é o relógio: "A campanha ficou muito curta mesmo, menos de 40 dias. Ao menos o tempo corre igual para os dois lados."

A despeito do alerta de aliados e especialistas, Kalil faz pouco caso do exíguo tempo para virar o placar. "Se a gente for olhar esse negócio de pesquisa, vamos enlouquecer. Eu não estou preocupado", afirmou ao portal G1. "Eu não vou fazer malabarismo para tirar essa diferença, eu quero levar a mensagem. Se tocar o coração e a mente do povo, tocou." •

ESTHER SOLANO

É preciso falar com os evangélicos

▶ Não se iludam, as pautas morais ainda podem decidir a eleição

Há muito tempo as nossas pesquisas apontam na mesma direção: as pautas morais podem definir a eleição. Em termos mais simples, se vocês quiserem, podemos perder a eleição pela mamadeira de piroca 2.0. Desculpem-me a honestidade dramática, mas quem faz pesquisa não pode se dar ao luxo de andar com sutilezas. Os dados são os dados. Bolsonaro avança entre os evangélicos, fundamentalmente pentecostais e neopentecostais, o que significa que avança entre o povo pobre, nas periferias brasileiras. Irremediavelmente, se a intenção de voto em Bolsonaro continuar a aumentar entre o público evangélico, ele pode garantir sua ida ao segundo turno e aí, meus amigos, a porta para o abismo se abre. Digo e repito, temos de trabalhar para uma vitória de Lula em primeiro turno, é arriscado demais enfrentar o monstro num segundo turno. É incerteza demais. É se expor demais. É apostar demais.

Quero pedir, implorar, a partir desta página: vamos falar com os evangélicos, mas vamos falar com inteligência, com estratégia, vamos falar para não perder as eleições. Temos muita pesquisa, muita análise, mentes brilhantes que estudam, analisam, estão em campo, gente que nos fornece dicas de comunicação. Por favor, vamos parar, ler, estudar, refletir, falar com base no conhecimento, com pesquisa nas mãos. Não podemos pisar na bola, não podemos, a gente não tem margem para tanto. Faço aqui um apelo a toda a militância petista, a todos os simpatizantes, mas sobretudo às figuras que têm um perfil público. Por favor, vamos pensar antes de falar publicamente sobre os fiéis e as igrejas evangélicas. Vamos aprender as sutilezas comunicacionais do que dizer, como dizer, com quem dizer, o léxico inteligente a se usar, o léxico que não é. Depois das eleições, a partir do conforto de nosso lugar recuperado em Brasília, falamos como vocês quiserem, mas antes não, antes, por favor, temos de ganhar estas eleições e nossa vitória não está garantida.

Sei que para muitos que professamos um laicismo convicto, que nos sentimos profundamente desconfortáveis com crucifixos em lugares públicos, com sermões em palcos políticos, com púlpitos que se transformam em palanques, com Bíblias que pretendem substituir a Constituição, é muito complicado conversar com os segmentos evangélicos, mas precisamos fazer o esforço, por muito que pareça difícil. Precisamos fazer o esforço por duas razões fundamentais. A primeira: falar com os evangélicos, sobretudo com pentecostais e neopentecostais, significa falar com o povo, e talvez esse seja o nosso primordial e mais relevante dever como esquerda, estar com o povo, escutar o povo, falar com o povo. Segundo: precisamos vencer as eleições. Nossa dignidade e nossa sobrevivência dependem do resultado das urnas. E para ganhar as eleições não basta debater sobre o legado econômico lulista, não basta expor as hipocrisias e as barbaridades bolsonaristas, não bastam inserções televisivas sobre a esperança, o amor e o ódio. Devemos lutar contra o pânico moral, contra o medo de votar num PT apresentado como ameaça à família. Devemos entender e dialogar com o voto religioso, pois precisamos, ao menos, de uma parte dele, daqueles que votaram no PT e estão decepcionados com Bolsonaro. Por isso, por favor, mais uma vez suplico às figuras públicas, políticas, intelectuais, artistas: não vamos falar com o fígado, não vamos falar apenas com base no nosso senso comum, não vamos falar guiados pelo instinto. Vamos escutar quem sabe, vamos estudar.

A campanha de Lula não é a campanha de um homem só. Vocês sabem muito bem que o PT, a sua militância, todo aquele que orbita no entorno, é alvo do bolsonarismo radical. Estamos no radar. Uma palavra dita sem estratégia eleitoral por uma figura pública de esquerda é um erro que não podemos cometer. Não podemos cometer o erro de termos vídeos viralizados pela máquina do bolsonarismo evangélico atacando as igrejas neste momento, atacando tal ou tal pastor. Não é momento, pois temos de vencer as eleições e para isso todos precisamos de um pouco de disciplina comunicacional, agir com inteligência eleitoral. Há muito em jogo. Os evangélicos podem decidir o nosso futuro.

O medo é um afeto grandioso. O medo ganha eleições. O medo moral tem uma capacidade brutal. O medo moral pode nos fazer perder as eleições. Devemos aprender a falar com os evangélicos, para, ao menos, estancar a sangria, para reduzir danos. Por favor, eu imploro. •

redacao @cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Fechados com o capitão

ELEIÇÕES As candidaturas do campo progressista patinam no Sul, a região mais bolsonarista do País

POR RENÉ RUSCHEL

Diante da lenta recuperação de Jair Bolsonaro nas pesquisas de intenção de voto, puxada pelo crescimento do ex-capitão no segmento evangélico, a grande dúvida dos analistas políticos, no momento, é se Lula conseguirá ou não liquidar a fatura no primeiro turno, como ainda indica a maior parte das pesquisas. No Sul do País, o cenário é, porém, radicalmente distinto. Se dependesse dos eleitores sulistas, Bolsonaro é quem poderia se reeleger logo na primeira votação. Na região, o atual ocupante do Palácio do Planalto figura com 46% das intenções de voto, segundo a última rodada da pesquisa Quaest/Genial, divulgada em 17 de agosto. O líder petista está 12 pontos porcentuais atrás, com 34%.

A vantagem de Bolsonaro não chega a surpreender. Em março do ano passado, uma sondagem da Paraná Pesquisas revelou que o Sul era a região mais bolsonarista do Brasil: 34,2% dos entrevistados se identificaram como seguidores do ex-capitão, enquanto apenas 18,8% se declararam lulistas. Os dados, de ontem e de hoje, ajudam a explicar o sofrível desempenho das candidaturas locais do campo progressista. "Entre os paranaenses e catarinenses, há um antipetismo social que vai muito além da disputa política", observa o cientista político Emerson Cervi, a ponderar que o cenário no Rio Grande do Sul é "um pouco" mais amistoso.

No Paraná, a disputa será entre Ratinho Jr., do PSD, candidato à reeleição por uma frente de 11 partidos, e o ex-governador Roberto Requião, do PT, apoiado pelo PV e PCdoB. Segundo recente pesquisa do Ipec, instituto criado por executivos do extinto Ibope, o governador possui 46% das intenções de voto e tem chances de vencer no primeiro turno. Requião, por sua vez, figura com 24%. "A dificuldade do candidato petista", explica Cervi, "é a inexistência de uma terceira força para se contrapor à campanha governista. Com isso, ele se vê obrigado a enfrentar Ratinho Jr. sem nenhuma estrutura de apoio nos municípios do interior."

> No controle da máquina estadual e com a mídia nas mãos, Ratinho Jr. lidera com folga a disputa no Paraná

A disparidade de forças é, de fato, abismal. No controle da máquina estadual, Ratinho Jr. tem o apoio de mais de 300 prefeitos e vice-prefeitos dos 399 municípios paranaenses. Requião, por sua vez, conta com apenas 8 prefeitos e 11 vice-prefeitos, todos eleitos pelo PT. Segundo um integrante da campanha, esses números, somados aos remanescentes companheiros do MDB, não atingem 15 cidades. Filho do apresentador Ratinho, dono de uma rede de rádios e emissoras de tevê no Paraná, o governador tem o apoio quase unânime da mídia do estado, notadamente dos veículos de comunicação do interior sustentados com verbas publicitárias do governo.

Para o Senado, a mesma pesquisa mos-

RODRIGO FELIX LEAL/ANPR E REDES SOCIAIS

Reeleição. Ratinho Jr. não esconde a proximidade com o ex-capitão. Alvo de dois pedidos de *impeachment*, Carlos Moisés lidera em Santa Catarina

tra Álvaro Dias, candidato à reeleição pelo Podemos, com 35%, e Sergio Moro, do União Brasil, com 24%. A disputa é instigada por uma traição. Fã de carteirinha da Lava Jato, Dias fez de tudo para atrair o ex-juiz ao seu partido, o Podemos. Acreditava que Moro não teria dificuldades para despontar como o principal nome da "terceira via" na corrida presidencial. Mesmo com os confetes lançados pela mídia amiga, o candidato conseguiu a proeza de regredir, em vez de avançar nas pesquisas. Escanteado por lideranças do partido, migrou para o União Brasil. Convencido pelos caciques da nova sigla a disputar uma vaga no Senado, tentou transferir às pressas seu domicílio eleitoral para São Paulo, manobra vetada pela Justiça Eleitoral. O ex-juiz decidiu, então, entrar na disputa pelo Paraná. Foi quando Dias se deu conta de que o afilhado havia se voltado contra ele.

Em Santa Catarina, onde o ex-capitão venceu o petista Fernando Haddad com 75,9% dos votos em 2018, o Ipec de 23 de agosto mostra o governador Carlos Moisés, do Republicanos, na dianteira, com 23%. No segundo lugar, estão tecnicamente empatados o senador Jorginho Mello, do PL de Bolsonaro, com 16%, e o senador Esperidião Amim, do PP, com 15%.

Bolsonaro poderia, por sinal, escolher qualquer dessas candidaturas para servir como seu palanque. Moisés, um coronel reformado do Corpo de Bombeiros, era um neófito *outsider* quando se elegeu governador no embalo da onda bolsonarista. No auge da pandemia, sofreu dois processos de *impeachment*, um deles por conta de negociatas que envolviam

a compra de respiradores superfaturados que jamais foram entregues. Jorginho Mello, por sua vez, é um ventríloquo a serviço de Bolsonaro no Senado. Já Esperidião Amim busca o tempo todo se associar à imagem do ex-capitão.

Na trincheira oposta ao bolsonarismo, o ex-deputado federal e ex-prefeito de Blumenau Décio Lima, do PT, figura com apenas 6% das intenções de voto. Em aliança com o PSB, PV, PCdoB e Solidariedade, o petista aposta todas as fichas na popularidade de Lula para chegar ao segundo turno. A capilaridade do PT no estado, onde tem diretórios em quase todos os 295 municípios, inclusive naqueles em que a oligarquia rural é dominante na política, somada a expectativa de crescimento entre os eleitores mais jovens, alimenta o sonho de avançar na disputa. Mas, na etapa derradeira, as chances de vitória são pequenas, ponderam especialistas. Itamar Aguiar, professor de Sociologia e Ciências Políticas na Universidade Federal de Santa Catarina, acredita que Lula tem potencial para crescer no estado, mas dificilmente será capaz de alterar o cenário da disputa pelo governo catarinense. "É difícil, mas não impossível", sublinha.

Na corrida ao Senado, o campo progressista também patina. Segundo o Ipec, o ex-governador Raimundo Colombo, do PSD, lidera com 26% das intenções de voto, seguido a distância por Dario Berger (PSB), com 9%, Celso Maldener (MDB), com 7%, e Kennedy Nunes (PTB), com 6%. O bolsonarista Jorge Seif, do PL do ex-capitão, figura com 4%.

Após a fracassada tentativa de se lançar candidato à Presidência, o ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite, do PSDB, lidera o páreo para retornar ao Palácio Piratini com 32% das intenções de voto, segundo a pesquisa divulgada pelo Ipec em 15 de agosto. Ao que tudo indica, disputará o segundo turno com Onyx Lorenzoni, do PL, a ostentar 19% nas preferências do eleitorado gaúcho. O ex-deputado estadual Edegar Pretto, do PT, figura em terceiro lugar, mas não chega a ameaçar a vaga do ex-ministro de Bolsonaro no segundo turno. O petista tem 7%. Na sequência, vem o senador Luiz Carlos Heinze (PL), outro aliado do ex-capitão, com 6%.

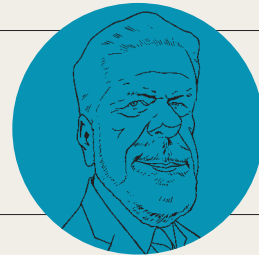
> **Olívio Dutra lidera a disputa pelo Senado, mas Edegar Pretto ainda é desconhecido para grande parte do eleitorado gaúcho**

Um dos contratempos da "Frente da Esperança", integrada por PT, PCdoB e PV, foi a impossibilidade de fechar acordo com o PSB, após meses de negociações. Às vésperas da convenção, o ex-governador Olívio Dutra, a maior liderança petista do estado, pôs seu nome à disposição para disputar uma cadeira no Senado. Era o recado que faltava à federação formada pelo PSOL e Rede para desistir da candidatura própria e aderir à coligação, indicando o vereador Pedro Ruas para vice de Pretto. Esta é a primeira eleição na qual PT e PSOL estarão juntos desde o primeiro turno.

Pedala. Do campo progressista, apenas Dutra desponta como favorito na região

"No momento, não é possível indicar um franco favorito ao Palácio Piratini", avalia o cientista político Rodrigo Stumpf González, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para ele, Onyx, Heinze e Leite podem dividir os votos e, neste caso, "1 ou 2 pontos porcentuais podem definir a eleição". As chances de Pretto são, porém, bastante reduzidas. Seu nome é desconhecido pela maioria dos gaúchos, principalmente na região metropolitana de Porto Alegre, a concentrar 30% dos 8,5 milhões de eleitores do estado. Filho de um histórico dirigente do MST, Adão Pretto, ele enfrenta ainda o preconceito das elites do agronegócio, a locomotiva da economia gaúcha. Daí a importância de associar seu nome a Dutra, uma espécie de Pepe Mujica dos pampas, a brilhar mais que o próprio partido.

Olívio Dutra é, por sinal, a principal esperança do campo progressista no Sul. Na primeira pesquisa na qual seu nome aparece como candidato ao Senado, a Ipec de 15 de agosto, ele lidera com 25%, seguido pela ex-senadora Ana Amélia, do PSD, com 23%. O vice-presidente Hamilton Mourão, do Republicanos, que chegou a ocupar a dianteira, despencou para 16%. Essa mesma sondagem mostra Lula 5 pontos porcentuais à frente de Bolsonaro, 40% a 35%. "Por isso, a chance de Pretto ir para o segundo turno não deve ser descartada", diz González. "Se bem que, no estado, a imagem de Dutra talvez seja maior que a de Lula." •

JAQUES WAGNER

Agenda verde

▶ Precisamos de um governo realmente comprometido em transformar a pauta ambiental em política de Estado de verdade

Em 2 de outubro, teremos a oportunidade de decidir, por meio do voto, o destino do País pelos próximos quatro anos. O recado das urnas dirá ao mundo se, a partir de 2023, o Brasil poderá novamente ocupar um lugar de prestígio no cenário internacional.

Nesse sentido, eleger Lula representa mais do que devolver a esperança ao povo e recolocar o País nos trilhos do crescimento. É colocar de volta na Presidência da República um estadista de verdade e voltarmos a participar de discussões para construir uma agenda global com foco na preservação da natureza e no enfrentamento da crise climática.

Lula tem afirmado que a agenda verde será uma questão central do seu governo. No início desta semana, em entrevista à mídia estrangeira, ele afirmou que o combate ao desmatamento na Amazônia e às mudanças climáticas será sua prioridade. Disse ainda que terá tolerância zero com o garimpo ilegal e outros crimes ambientais, além de prestar, mais uma vez, solidariedade às famílias do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips, assassinados em junho, no Amazonas.

Em novembro, o Egito receberá a 27ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, a COP-27. A última edição, na Escócia, confirmou o senso de urgência para que ações de enfrentamento à crise climática saiam do papel. Temos, portanto, uma nova chance de melhorar a péssima imagem do Brasil, que se deteriorou ainda mais por conta da agenda ambiental do atual governo, que incentiva a ação de madeireiros, grileiros e mineração ilegal em terras indígenas, além de proferir declarações irresponsáveis e mentirosas.

Essa equação desastrosa transformou o Brasil numa espécie de pária internacional. Somos vistos por outras nações como um lugar marcado pela destruição do patrimônio natural, pelo desmonte dos órgãos de fiscalização e pela absoluta impunidade diante de crimes ambientais. O resultado é uma dura realidade: mais de 97% dos alertas de desmatamento emitidos pelo MapBiomas não foram averiguados desde que o atual governo assumiu o poder. Levantamento aponta que, de janeiro de 2019 até março de 2022, apenas 2,17% dos alertas de desmatamento validados pelo instituto tiveram resposta de fiscalização do Poder Público.

Aliado a isso, um relatório do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) revelou novo recorde de mortes de indígenas no País. Foram ao menos 1.915 vítimas em 2021. Em paralelo, estudo do Imazon mostra que o desmatamento na Amazônia Legal, de agosto de 2021 a julho de 2022, foi o maior dos últimos 15 anos.

Reverter este cenário de horrores é uma tarefa urgente. E o presidente Lula tem plena consciência do tamanho desse desafio e de como superá-lo. "Precisamos imediatamente recuperar todas as coisas que tínhamos criado para combater o desmatamento na Amazônia, inclusive o Ibama, que foi desmontado, não só enfraquecido. A segunda coisa que queremos é criar um Ministério dos Povos Originários. Eles vão cuidar da Amazônia com muito mais força se tiverem autoridade em suas mãos para cuidar disso", disse Lula aos jornalistas de outros países.

Para que um novo governo consiga consolidar uma agenda ambiental efetiva, é fundamental que o Congresso Nacional auxilie o Poder Executivo. Desse modo, será possível viabilizar um modelo de desenvolvimento capaz de reduzir desigualdades socioeconômicas, a partir do uso sustentável da nossa biodiversidade, a maior do planeta, mantendo as nossas florestas em pé e investindo em ciência e tecnologia.

Fortalecer esse caminho tem sido o nosso esforço à frente da Comissão de Meio Ambiente do Senado. Recentemente, demos um passo importante nessa direção com o Fórum da Geração Ecológica, iniciativa que reuniu 42 especialistas e representantes voluntários de entidades como universidades, movimentos sociais, setor produtivo e ONGs. Ao longo de 12 meses de trabalho e de mais de 50 reuniões, o Fórum produziu 32 peças legislativas – sendo 26 minutas de projeto de lei, além de quatro indicações e dois requerimentos, que servirão como um norte para os trabalhos legislativos na área ambiental.

Temos o dever de interromper essa marcha da insensatez em curso hoje no Brasil. O meio ambiente dá sinais diários de que precisamos mudar a forma como nos relacionamos com a natureza. Para isso, precisamos de um governo realmente comprometido em transformar a pauta ambiental numa política de Estado de verdade. E à frente desse desafio, um líder com sensibilidade para dialogar, compor e construir.

Não tenho dúvidas de que o presidente Lula reúne todas essas prerrogativas, pois, como ele mesmo costuma dizer: "O ódio queima. O amor preserva". É chegada a hora de sair desse horizonte marcado por ódio e destruição e reconstruir o Brasil voltando a pisar no terreno do amor, da esperança e da preservação. •

sen.jaqueswagner@senado.leg.br

BAPTISTÃO

A saída é um "revogaço"

ENTREVISTA O ambientalista Rogério Rocco defende a derrubada de todos os decretos ambientais de Bolsonaro

Militante destacado na retomada do movimento estudantil nos anos 1980, o advogado Rogério Rocco foi um dos pioneiros ao inserir o debate ambiental na pauta da UNE. Entre 1999 e 2001, integrou o conselho deliberativo do Fundo Nacional do Meio Ambiente, do qual foi coordenador-geral em 2005. Nos últimos anos, tornou-se voz ativa contra o processo de desmonte dos órgãos de fiscalização e inimigo declarado da política de terra arrasada. Na entrevista a **Mauricio Thuswohl**, Rocco defende a revogação dos decretos ambientais do governo Bolsonaro, primeiro passo para deter o desmatamento recorde na Amazônia. "Dar um basta a esse comportamento criminoso é um excelente começo", afirma.

CartaCapital: O restabelecimento da participação da sociedade civil no conselho deliberativo do Fundo Nacional do Meio Ambiente foi determinado pelo STF, mas nada foi feito. É possível retomar os trabalhos do fundo nos moldes em que aconteciam anteriormente?

Rogério Rocco: A grande virtude do fundo sempre foi ter se estruturado com uma gestão integrada entre governo e sociedade. As linhas temáticas para financiamento e as ações e processos de deliberação eram muito transparentes e contavam com um controle social efetivo. O FNMA criou uma *expertise* na gestão de recursos ambientais copiada por fundos em todo o Brasil e também com repercussão internacional. O FNMA não é mais propriamente um fundo, é um programa do Ministério do Meio Ambiente. Trabalha com recursos orçamentários sujeitos a mudanças anuais, e seu diferencial é a arrecadação própria oriunda de 20% de todas as multas ambientais aplicadas na esfera federal.

CC: Qual o impacto do esvaziamento promovido por Bolsonaro?

RR: A mudança promovida pelo atual governo, de retirada da representação da sociedade civil, não é meramente uma troca de cadeiras. Ela de fato desmonta e destrói a estrutura que consagrou o FNMA como referência nacional e internacional. Elimina a razão de ser do fundo, que passa a ser um programa para a execução de projetos da estrutura do ministério, sem participação e controle social, portanto sem legitimação.

Rocco: "Precisamos avançar na integração federativa"

CC: Estudo divulgado pelo Inesc sobre o desmonte dos fundos ambientais constata: o FNMA "não existe mais".

RR: De fato, não existe mais. A construção na qual os recursos de seus programas eram submetidos a um processo de aprovação legitimado pela participação e controle social e com intervenção direta da sociedade na análise, fiscalização e aprovação final dos gastos constituía a sua essência. A partir do momento em que se desconstruiu aquilo que era a sua essência, ele passou a ser mais um conjunto de letrinhas, sujeito à previsão de recursos orçamentários.

CC: As atuais fontes de receita não precisam ser ampliadas para garantir um funcionamento adequado?

RR: O que está em questão não é aumentar os recursos do fundo, pois ele pode ter dotações orçamentárias destinadas na Lei Orçamentária Anual e na garantia dos recursos das multas. No atual governo, houve uma queda muito grande na aplicação e na arrecadação de multas. Isso vai se espelhar nos próximos anos, pois há inúmeros processos em curso que deixarão de produzir resultados em razão dos mecanismos de desmonte.

CC: É possível reverter o desmonte e o aparelhamento promovidos pelo atual governo?

RR: O governo Bolsonaro tem desmontado os órgãos ambientais federais, eliminado suas competências, perseguido servidores de carreira, nomeado apadrinhados incompetentes para a direção desses órgãos, revogado e modificado normas ambientais e colocado as estruturas que antes combatiam os crimes ambientais para defender e amparar criminosos como garimpeiros,

O desmatamento da Amazônia bate novos recordes

BRUNO KELLY/AMAZÔNIA REAL E REDES SOCIAIS

madeireiros, grileiros e milícias florestais. Dar um basta a esse comportamento criminoso é um excelente começo. Não vai ser simples, mas é perfeitamente possível e viável reverter grande parte desses retrocessos. Alguns deles foram revertidos por decisões do STF.

CC: Quais as medidas urgentes para reverter o desmatamento crescente?
RR: Nos primeiros dias de um próximo governo, a partir de janeiro, é preciso reinstaurar estruturas e iniciativas, entre elas o Programa de Controle e Combate ao Desmatamento da Amazônia, antes coordenado pela Casa Civil e que chegou a reunir 14 ministérios. Além disso, é necessário revogar medidas adotadas para facilitar a vida dos desmatadores, garimpeiros e outros criminosos que avançaram sobre a Amazônia. Precisamos de um grande "revogaço" desses decretos, portarias e instruções normativas dolosamente alteradas pela gestão criminosa de Ricardo Salles e Jair Bolsonaro. Além disso, é fundamental nomear para os órgãos ambientais gente competente, servidores qualificados e comprometidos em cumprir a lei e limpar as instituições dessa horda de incompetentes e delinquentes que ocuparam esses espaços. Só assim se poderá retomar a governança da Amazônia e um processo permanente de diálogo e acordo para desenvolver a região sem desrespeitar seus potenciais ambientais.

> As estruturas de fiscalização do governo "hoje amparam criminosos"

CC: O que acha da ideia de um Sistema Único para o Meio Ambiente e Clima, como um SUS?
RR: É questão a ser pensada. Precisamos avançar na cooperação federativa para a execução da Política Nacional de Meio Ambiente. Precisamos integrar melhor os entes federados para uma execução mais harmônica entre os órgãos e mais equilibrada entre os distintos biomas. Precisamos abrir essas agendas. Toda ideia que surge com esse espírito é bem-vinda e deve ser avaliada por aqueles que querem construir uma política ambiental democrática, participativa e mais efetiva.

CC: Por que é importante revitalizar o FNMA em um eventual novo governo?
RR: Ao longo de sua história, depois de ter adquirido *expertise* e legitimidade, o FNMA passou a executar recursos de outros ministérios e órgãos da administração pública federal que assumiram obrigações relacionadas a medidas mitigadoras ou compensatórias relacionadas à política ambiental. Em um momento no qual a política ambiental era respeitada nas estruturas governamentais, o fundo tornou-se uma referência no governo que utilizava seus procedimentos para a descentralização e execução de recursos e obrigações orçamentárias ambientais. O fundo tem *expertise*, quadro técnico permanente e uma história de evolução nos sistemas de oferta de recursos e de aprovação e controle de sua execução. Essa *expertise* pode ser acionada assim que um governo comprometido com a participação e o controle social assumir. •

A recessão na esquina

The Observer Aumentam as chances de estagnação das principais economias europeias nos próximos dois anos

POR RICHARD PARTINGTON E LARRY ELLIOTT

Quase seis meses depois que Vladimir Putin ordenou a invasão das tropas russas à Ucrânia, a extensão dos danos à economia europeia fica cada vez mais clara. As luzes vermelhas da recessão piscam. As quatro grandes economias da Zona do Euro – Alemanha, França, Itália e Espanha – tiveram suas previsões de crescimento para 2023 rebaixadas pelo Fundo Monetário Internacional, enquanto a combinação de guerra com taxas de juro mais altas freou a atividade.

No Reino Unido, a inflação está acima de 10% pela primeira vez em 40 anos e as famílias lutam com o aumento das contas de energia. O Banco da Inglaterra prevê que a inflação atingirá um pico acima de 13% no outono, após novo aumento nos custos da energia, enquanto a economia entrará numa recessão prolongada. Na Grã-Bretanha, que enfrenta pressões adicionais do Brexit, também se sente o impacto do aumento dos preços da energia, interrupção na cadeia de suprimentos, escassez de trabalhadores e seca que tem atingido o resto da Europa. Analistas da *Economist Intelligence Unit* (EIU) dizem que os problemas poderão continuar por algum tempo, pois os países precisam se livrar da dependência dos hidrocarbonetos russos, e construir energias renováveis alternativas levará tempo. "A curto prazo, esperamos uma recessão na Europa no inverno de 2022-23, como resultado da escassez de energia e da alta inflação sustentada", anotam os especialistas da EIU. "O inverno de 2023-24 também será desafiador e, portanto, esperamos alta inflação e crescimento lento até pelo menos 2024."

Abaixo, avaliações das probabilidades de recessão na União Europeia e na Rússia.

Alemanha

A maior economia da Europa está no centro da tempestade, à medida que a crise energética, meses sem chuvas e o colapso do comércio global atingem sua base industrial. O crescimento econômico desacelerou até estagnar no segundo trimestre e deve se tornar negativo nos próximos meses. "Será necessário um milagre econômico para a Alemanha não entrar em recessão no segundo semestre do ano", disse Carsten Brzeski, do banco holandês ING. "O fato de todo o modelo econômico de negócios alemão estar atualmente em reforma também pesará nas perspectivas de crescimento nos próximos anos."

A Rússia forneceu mais da metade do gás da Alemanha em 2020 e em torno de um terço de todo o petróleo. Desde o início da guerra, o Kremlin estrangulou os suprimentos e culpou problemas técnicos pela queda no volume enviado pelo principal oleoduto, o Nord Stream 1.

A incerteza sobre o desfecho da invasão da Ucrânia só piora as perspectivas na Zona do Euro

A seca e as temperaturas escaldantes causaram queda acentuada nos níveis de água do Rio Reno, importante rota de transporte para o setor industrial predominante na Alemanha. Os níveis de água caíram abaixo da marca crítica de 40 centímetros, impedindo que as barcaças sejam carregadas com capacidade total. Algumas rotas foram canceladas e causaram atrasos para empresas químicas e outros fabricantes nos centros industriais. Fábricas ao longo das margens do Reno que dependem de água para resfriamento também enfrentaram problemas, enquanto as remessas de carvão para usinas de energia, destinadas a manter as luzes acesas, provavelmente serão interrompidas.

Em resposta à crise energética, Berlim vai impor uma taxa de gás para as residências, que entrará em vigor a partir de outubro e durará até abril de 2024, com o objetivo de distribuir o custo maior no atacado entre residências e indústrias. O governo implementou um pacote de apoio à energia no valor de mais de 30 bilhões de euros (156 bilhões de reais), incluído um montante fixo de 300 euros (1.560 reais) para os trabalhadores, apoio extra para as habitantes que recebem assistência so-

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 50

Capital S/A. Despenca no trimestre o lucro das empresas de capital aberto

Danos colaterais. As sanções econômicas à Rússia por causa da guerra provocaram efeito dominó na Zona do Euro. A Alemanha é o mais exposto entre os quatro maiores países da região. Só um milagre salva Berlim da recessão

ARIS MESSINIS/AFP E OLIVER KILLIG/VOLKSWAGEM

cial, cortes nos impostos de gasolina e diesel e descontos de 9 euros em passagens de ônibus e trens. O chanceler alemão, Olaf Scholz, também prometeu um novo pacote de apoio financeiro.
Chances de recessão: ** (em cinco)**

França
A França deveria estar mais bem protegida do que muitas outras nações europeias, graças ao seu grande setor de energia nuclear, que responde por pouco mais de 70% de sua geração de eletricidade, mas tem enfrentado sérias falhas em reatores antigos. Embora em posição menos perigosa do que a Alemanha, a segunda maior economia da Zona do Euro ainda poderá enfrentar cortes de energia prejudiciais neste inverno.

O PIB da França aumentou 0,5% no segundo trimestre, menos que outros países do continente, com o consumo doméstico notavelmente fraco. O governo implementou um pacote de apoio emergencial no valor de 20 bilhões de euros (104 bilhões de reais), incluídos os cortes de impostos nas bombas de gasolina, enquanto limita um aumento nos preços regulados da eletricidade em 4%, política facilitada pela propriedade estatal da gigante de energia EDF.
Chances de recessão: **

Itália
A economia italiana teve um desempenho muito mais forte recentemente do que suas grandes rivais na Zona do Euro: registrou crescimento de 1% no segundo trimestre. Mas, assim como a Alemanha, a Itália é fortemente dependente do gás russo e tem a complicação adicional de estar mergulhada numa nova crise de incerteza política depois da renúncia do primeiro-ministro Mario Draghi, no início do verão.

As pesquisas de opinião apontam uma mudança de direção da abordagem tecnocrática de Draghi após as próximas eleições. Um governo de coalizão de direita que tem feito campanha em uma plataforma econômica fortemente nacionalista e protecionista deve vencer. Os mercados financeiros e o Banco Central Europeu estão atentos para o risco de os investidores exigirem uma alta taxa de juros para a compra de títulos italianos. Com a Itália em mente, o BCE anunciou no mês passado um novo instrumento financei-

A seca prolongada, a inflação e a crise energética dificultam a retomada do crescimento

Tênue alívio. A volta dos turistas pós-pandemia aquece a economia. Menos dependente do gás russo, a França está mais protegida que a Espanha

ro destinado a evitar que as taxas de juro mais altas tenham um impacto desproporcionalmente adverso nos estados membros mais vulneráveis.

No início de agosto, a Itália aprovou um novo pacote de apoio no valor de cerca de 17 bilhões de euros (88,5 bilhões de reais) para consumidores e empresas, num dos últimos atos de Draghi como líder. Um corte de impostos sobre gasolina e diesel, que deveria expirar neste mês, também foi prorrogado até 20 de setembro.

Desde a criação da moeda única, há quase um quarto de século, a Itália tem tido o desempenho mais fraco dos "quatro grandes", com padrões de vida pouco mais altos do que no fim da década de 1990. Beneficia-se neste ano de um impulso ao turismo, que representava 13% do seu PIB antes da pandemia.

Chances de recessão: ***

Espanha

Como todos os outros países da Europa, a Espanha é também afetada pela guerra na Ucrânia, mas dos quatro grandes tem a melhor chance de evitar uma recessão, apesar da inflação em alta. Há uma série de razões para isso. Sua economia entrou na crise em razoavelmente boa forma e – assim como a Itália – recebeu um impulso adicional pelo aumento do turismo após a pandemia. O turismo representava 12% do PIB da Espanha antes da Covid e uma parcela ainda maior do emprego.

Os espanhóis dependem muito menos da energia russa do que os italianos e é um grande importador de gás natural liquefeito de todo o mundo. O PIB cresceu 1,1% no segundo trimestre e o FMI espera que seja o crescimento mais rápido dos quatro grandes no próximo ano. O governo disponibilizou 16 bilhões de euros (83,2 bilhões de reais) em auxílio financeiro e empréstimos para empresas e famílias que enfrentam custos de energia crescentes.

Chances de recessão: *

Rússia

A Rússia sofreu com as sanções do Ocidente, que mergulharam sua economia em profunda recessão e forçaram o Kremlin a dar calote em suas dívidas externas pela primeira vez desde 1918, embora os preços crescentes da energia tenham atenuado parte do impacto.

Pesquisadores da Universidade de Yale disseram no mês passado que o Ocidente prejudicava a economia russa, embora outros especialistas discordem. Holger Schmieding, economista-chefe do Banco Berenberg, disse que os dados recentes não apontam uma "conclusão tão dura". O saldo da conta corrente da Rússia – que mede os fluxos de comércio e investimento – mais do que triplicou e atingiu um superávit recorde de 167 bilhões de dólares (867 bilhões de reais) no segundo trimestre, impulsionado pelos altos preços do petróleo e do gás no atacado, que aumentaram as exportações, enquanto as sanções ocidentais levaram a uma queda nas importações. Os rendimentos têm sido uma fonte vital de divisas para Moscou e refletem nas perdas do rublo desde o início da invasão.

Especialistas dizem, no entanto, que a longo prazo a economia da Rússia enfrentará dificuldades com a perda de tecnologia e investimentos ocidentais. "Nosso melhor palpite é de que a Rússia está em uma recessão grande, mas ainda da longe de ser catastrófica", acrescentou Schmieding.

Chances de recessão: ******

Tradução: Luiz Roberto M. Gonçalves.

As ideias e as dúvidas

CAMISA DE FORÇA Economistas estabelecidos buscavam demonstrar a impossibilidade de acontecer aquilo que, de fato, ocorria

POR LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Na terça feira 23 de agosto, foi-me concedida a ventura de reencontrar André Lara Resende em um debate na Unicamp. Companheiro de jornada nas desventuras do Plano Cruzado, André está sempre inquieto e desconfortável em camisas de força intelectuais. O título de seu novo livro – *Camisa de Força Ideológica: a Crise da Macroeconomia* – aponta para a inconformidade com o aprisionamento dos economistas nos espartilhos da teoria dominante.

Depois de consistente argumentação, André reafirma no capítulo 17: "A teoria monetária convencional está equivocada. Apesar de ter sido sistematicamente revisada desde a formulação original da *Teoria Quantitativa da Moeda* por David Hume, no século XVIII, até o desaparecimento completo da moeda e dos mercados financeiros nos modelos macroeconômicos contemporâneos, a teoria monetária continua em desacordo com a evidência dos fatos. Justamente quando os Bancos Centrais estão no auge de seu poder, a teoria macroeconômica perdeu o rumo".

Ao debater com André, não resisti a liberar de meu espírito as irreverências de John Maynard Keynes, o imoralista antivitoriano. O imoralismo keynesiano atingiu o ápice quando definiu a economia como uma ciência moral empenhada em buscar o bem-estar de mulheres e homens.

A luta de Keynes para "escapar das velhas ideias" está exposta no prefácio da *Teoria Geral*. Keynes aponta com clareza as diferenças de concepção e de método entre o *Tratado Sobre a Moeda* e o novo livro: "A relação entre este livro [*Teoria Geral*] e o meu *Tratado Sobre a Moeda*, que publiquei há cinco anos, provavelmente é mais clara para mim do que para os demais; e o que do meu ponto de vista representa uma evolução natural das ideias que tenho seguido por vários anos pode parecer aos leitores uma confusa mudança de visão. Quando comecei a escrever meu *Tratado Sobre a Moeda*, eu seguia os caminhos tradicionais que consideram a influência do dinheiro como algo que deveria ser tratado separadamente das leis da oferta e da procura. Ao terminar o *Tratado*, havia realizado alguns progressos no sentido de transformar a teoria monetária em uma teoria da produção como um todo. No entanto, minha submissão às ideias preconcebidas revelou-se uma monumental falha das partes teóricas do trabalho; falhei completamente ao tratar dos efeitos das mudanças no nível da produção. As chamadas "equações fundamentais" eram fotografias instantâneas do sistema econômico, tomadas como suposição de uma produção determinada de antemão. Procurava demonstrar, partindo desse suposto, de que maneira poderiam se desenvolver certas forças que provocam desequilíbrio nos lucros, requerendo, assim, mudanças no nível da produção. Por oposição à fotografia instantânea, a dinâmica resultava incompleta e extraordinariamente confusa".

> No sistema autoajustável, desemprego e falências só podiam ser culpa de sindicatos e bancos

Entre o *Tratado Sobre a Moeda* e a *Teoria Geral*, irrompeu a Grande Depressão. Essa intrusão deixou em frangalhos as certezas dos economistas que buscavam cuidar da moeda e do crédito com as hipóteses que premiavam o equilíbrio e a estabilidade.

Os economistas estabelecidos, com nome e endereço, tratavam simplesmente de demonstrar a impossibilidade de acontecer o que estava, de fato, acontecendo. "Meu supervisor ensinava que é logicamente impossível ocorrer o desemprego, porque a Lei de Say ensina que a oferta cria sua própria procura", relembrava Joan Robinson.

Na melhor das hipóteses, os entendidos da época admitiam que fatores estranhos ao funcionamento normal de uma economia capitalista "competitiva" – salários excessivamente elevados e resistentes à queda ou à imprudência na condução dos negócios bancários – eram os responsáveis pela situação. Afinal, todos haviam aprendido e ensinado que o sistema era autoajustável, dotado de forças

Keynes. O imoralismo keynesiano atingiu o ápice quando definiu a economia como uma ciência moral empenhada em buscar o bem-estar de mulheres e homens

BIBLIOTECA DO CONGRESSO EUA E ANGELA WEISS/AFP

que garantiam, automática e suavemente, a manutenção do equilíbrio e o pleno emprego. Portanto, se havia desemprego em massa e bancarrota financeira, os culpados deveriam ser buscados entre os sindicatos gananciosos ou entre os banqueiros imprudentes e não menos gananciosos.

Quando lavrava este "lamentável estado de confusão" – as palavras são da professora Joan Robinson –, Keynes, matemático de formação e humanista de espírito, debatia com um pequeno e seleto grupo de docentes da Universidade de Cambridge as limitações da ortodoxia e ensaiava a busca de outro veio explicativo para as flutuações da economia capitalista. Desse grupo participavam Piero Sraffa, Richard Kahn, James Meade, Austin Robinson e Joan Robinson.

O conjunto de ideias apresentado na *Teoria Geral* era particularmente corrosivo para o pensamento convencional. Keynes argumentava que, numa economia capitalista dotada de complexas e sofisticadas instituições financeiras, capazes de criar poder de compra além das disponibilidades correntes, não é necessária a existência de uma poupança prévia para que o investimento se efetive. O investimento depende das expectativas de lucro dos empresários e da disposição dos gestores das finanças em acreditar na correção daquelas estimativas e adiantar o dinheiro suficiente para a construção de instalações, compra de máquinas, aquisição de matérias-primas, contratação de trabalhadores etc.

Keynes inverte, dessa forma, as relações de determinação entre poupança e investimento. São as variações no investimento, exprimindo maior ou menor confiança dos empresários na obtenção de lucros no futuro, que provocam alterações no nível de renda e de consumo, restando a poupança como um resultado das flutuações da renda agregada.

No capítulo XII da *Teoria Geral – Expectativas de Longo Prazo*, Keynes adverte os crentes na estabilidade dos mercados financeiros:

"À medida que progride a organização dos mercados de investimento, aumenta o risco de um predomínio da especulação. Num dos maiores mercados de investimento do mundo, a saber, o de Nova York, a influência da especulação é enorme...

Os especuladores podem não causar dano quando são apenas bolhas numa corrente estável de empreendimento. Mas a situação torna-se grave quando o empreendimento se converte numa série de bolhas no turbilhão especulativo. Quando o desenvolvimento do capital de um país passa a ser um subproduto das atividades de um cassino, a obra sairá provavelmente torta".

> **O BRASIL PRECISA CRESCER PARA RESOLVER O PROBLEMA DA POBREZA**

ROBERTO SETUBAL, copresidente do Conselho de Administração do Banco Itaú

Os lucros derretem

▶ Ganhos das SAs caem 44,5% no segundo trimestre

O lucro das empresas de capital aberto caiu 44,5% no segundo trimestre de 2022, de 66,4 bilhões para 36,9 bilhões de reais, apesar de a receita operacional líquida ter crescido 24,2% na comparação anual, para 782,5 bilhões de reais. A despesa financeira aumentou, por sua vez, 151,6%, para 76,6 bilhões de reais, efeito da valorização do dólar, que impactou as dívidas em moeda estrangeira. A dívida líquida aumentou 42,5% e o custo de produtos vendidos cresceu 29,3%. Apesar da queda de 34,4% em relação ao desempenho de abril a junho de 2021, o setor mais lucrativo da amostra foi o de energia elétrica, que, com 40 empresas, acumulou 8,91 bilhões de reais no período. De outro lado, caiu 61,6% o lucro das oito companhias de siderurgia e metalurgia. O levantamento dos dados de 321 empresas com ações listadas na B3 foi feito pelo economista Einar Rivero, da plataforma de informações e análises financeiras TradeMap, com valores no padrão contábil, sem ajustes extraordinários ou correção pela inflação, e desconsidera os resultados de instituições financeiras e de Petrobras, Vale, Braskem e Suzano, ante lucros historicamente elevados, que distorcem a análise.

ISTOCKPHOTO E ROMÉRIO CUNHA/CDES

TÁ COM FOME?

A holandesa Prosus, subsidiária do Grupo Naspers, é a nova dona total do iFood, ao comprar os 3,3% da participação da europeia Just Eat Takeaway, por 1,5 bilhão de euros (7,8 bilhões de reais) em dinheiro. A transação coincidiu com novo recurso do Rappi ao Cade por descumprimento de determinações do órgão antitruste e a tramitação no Legislativo paulista de projeto de lei que impõe uma série de obrigações aos aplicativos de entregas e *dark kitchens*. A iniciativa dos parlamentares visa pontos críticos do relacionamento do iFood, como compartilhar informações cadastrais dos clientes, respeitados os sigilos de dados, hoje prerrogativa do aplicativo.

Eixo

A Câmara de Comércio Brasil-Canadá (CCBC) acaba de abrir uma representação em Belo Horizonte, para estimular as relações comerciais e os investimentos bilaterais. No primeiro trimestre, Minas Gerais foi o segundo estado brasileiro que mais exportou para o Canadá e o quarto em importações. Respondeu por quase 17% das vendas totais do Brasil para o país e praticamente 10% das compras, segundo o Ministério da Economia. Entre as ações previstas estão iniciativas na Exposibram – Expo e Congresso Brasileiro de Mineração e missões comerciais programadas para o segundo semestre e início de 2023.

Desaceleração

Os índices de diretores de compras dos setores de serviços, indústria e o composto das economias dos EUA e da Zona do Euro de agosto, recém-divulgados, ficaram abaixo ou muito próximo do nível de 50 pontos, que aponta desaceleração da atividade. Na Zona do Euro, o PMI de serviços marcou 50,2 em agosto, o PMI industrial 49,8 pontos e o PMI composto, 49,2. Na Alemanha, o PMI composto atingiu 47,6 pontos, enquanto na França caiu a 49,8 pontos. Nos EUA, os números são ainda mais preocupantes: PMI industrial de 51,3 pontos, serviços, 44,1 pontos, e o PMI composto, 45.

Na chapa

A chapa do Madero esquentou. Resultados do segundo trimestre mostram que a dívida líquida deu um salto de 244%, de 255 milhões para 877 milhões de reais. Os prejuízos somam mais de 700 milhões e o caixa só tem 40 milhões (foram queimados 80 milhões nos planos de expandir de 270 para 500 a rede de lojas em quatro anos), segundo a Bloomberg. Júnior Durski, o fundador, não parece, porém, muito preocupado. O empresário posa no Instagram em um jato particular Challenger 350 (cujo valor oscila de 70 milhões a 110 milhões de reais), enfeitado com o logo da cadeia de restaurantes. Durski é aquele que vaticionou no início da crise sanitária: a pandemia no Brasil provocaria "apenas" 5 mil ou 7 mil mortes.

NÚMEROS

2,45 bilhões

foi o preço pago pelo Aeroporto de Congonhas pela estatal espanhola Aerna Desarollo

1,697 bilhão

de reais custou a compra de 8 mil torres de telefonia da Oi pela Highline

350 bilhões

de dólares é o potencial de inadimplência do crédito imobiliário na China, segundo a Standard & Poor's

Seis meses depois...

TheObserver Ninguém arrisca prever o desfecho para a invasão da Ucrânia, enquanto o Kremlin ajusta seus objetivos

POR SHAUN WALKER

No início da noite de 21 de fevereiro, ficou impossível ignorar que Vladimir Putin realmente planejava algo terrível para a Ucrânia.

Até aquele momento, exatamente seis meses atrás, muitas vozes pediam calma diante das advertências norte-americanas e britânicas cada vez mais insistentes de uma invasão em grande escala. Os governos francês e alemão, autoridades russas e até o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, sugeriram que a mobilização de tropas por Putin era um blefe e as advertências de Washington, exageradas.

Então Putin apareceu na televisão, em uma reunião de seu conselho de segurança no Kremlin. Ao chamar seus cortesãos um a um ao microfone, o presidente russo simulou pedir conselhos e humilhou os poucos a hesitar em dar as respostas que ele queria. Aparentemente, a questão em discussão era se a Rússia deveria reconhecer a "independência" das chamadas "repúblicas populares" de Donetsk e Luhansk. Foi apenas pretexto. Depois, a televisão russa cortou para um longo e desconexo discurso de Putin, no qual ele menosprezou a história e o Estado ucranianos.

Três dias depois, nas primeiras horas da manhã, começou o ataque russo, com mísseis lançados sobre alvos em toda a Ucrânia e tropas terrestres a entrar no país em três direções. Essa decisão fatídica mudou a Ucrânia, a Rússia e o mundo de forma irrevogável nos seis meses seguintes. Milhares de ucranianos estão mortos e milhões deslocados. A Rússia também mudou, com o regime abandonando os últimos vestígios de democracia e adotando o militarismo completo, enquanto o Ocidente recalibrava suas relações com o Kremlin e o dinheiro russo e muitos países iniciavam um programa de apoio militar sem precedentes à Ucrânia.

O choque daquelas primeiras horas da guerra, quando o impensável se tornou realidade, é um momento que provavelmente acompanhará todos os ucranianos pelo resto de suas vidas. Nos primeiros dias caóticos, os fatos se desenrolaram incrivelmente rápido. No fim da primeira semana, o país vivia uma nova realidade, em que as estradas eram pontilhadas de postos de controle administrados por moradores locais armados com o que encontravam, prefeitos percorriam as cidades com coletes à prova de balas, na organização da defesa, e famílias suportavam a separação de seus entes queridos, enquanto milhões de mulheres e crianças corriam para a segurança no exterior.

> O discurso russo tem mudado a cada nova dificuldade. As negociações entre as partes esfriaram

Decisões em frações de segundos podem significar vida ou morte. Cidadãos cujos amigos haviam zombado deles nas semanas anteriores por estocar alimentos ou fazer planos de fuga agora eram

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 56

Colômbia. Petro manda generais para a reserva e promete taxar fortunas

Escombros. Os ucranianos tentam manter uma vida "normal" em meio à guerra. Putin ordena uma nova ofensiva

PRESIDÊNCIA DA RÚSSIA E SERGEY BOBOK/AFP

aclamados como profetas. Inúmeras famílias decidiram trocar Kiev pelas pacíficas cidades suburbanas a oeste, na intenção de evitar o esperado ataque à cidade, mas foram submetidas a um mês de terror pelas forças de ocupação, enquanto o centro da capital permaneceu relativamente ileso.

Na cidade de Mariupol, no sul, quem decidiu partir nos primeiros dias, quando ainda era possível, conseguiu encontrar segurança em outras partes da Ucrânia ou no exterior. Aqueles que preferiram esperar para ver acabaram imobilizados, obrigados a suportar semanas de bombardeio durante a longa e violenta operação russa para tomar o controle da cidade. Suas histórias, de enterrar corpos

em covas rasas nos quintais, de abrigar-se em porões úmidos e gelados, de doenças, abortos, fome e privações, lembram as da Segunda Guerra Mundial.

Em meio a todo o horror e o trauma, surgiu uma história edificante de um país recém-unido, no qual as divisões anteriores evaporaram diante da ameaça existencial vinda do Leste. A resistência começou com Zelensky e sua equipe, que ficaram em Kiev em vez de fugir, e foi replicada em muitos níveis da sociedade. "O Kremlin realmente esperava que ficássemos desorientados e fugíssemos",

disse a vice-primeira-ministra Iryna Vereshchuk, chamada vários dias antes da invasão pelo embaixador britânico e aconselhada a fugir da capital. Em vez disso, ela ficou e trabalhou no complexo fortificado de Zelensky no centro de Kiev, dormindo em uma cama de campanha. "Você pode imaginar se as pessoas descobrissem que o presidente e sua equipe, e o governo, fugiram? Claro, isso teria desmoralizado todo mundo", disse.

Na maioria das cidades, os prefeitos também permaneceram a postos e ajudaram a organizar a resistência. "Eles não esperavam isso", disse Gennady Trukhanov, prefeito de Odessa, em entrevista durante as primeiras semanas da guerra. Trukhanov foi indicativo de uma mudança entre muitas autoridades ucranianas no sul e leste do país, que antes eram vistas como pró-russas, mas agora ficaram firmemente ao lado de Kiev. "Eles não esperavam que houvesse barricadas em Odessa, que as pessoas não os receberiam com pão e sal, que Kharkiv lutaria, que Chernihiv lutaria."

Na região vizinha de Kherson, onde o exército russo conseguiu entrar sem muita resistência militar nos primeiros dias da guerra, está claro que algumas autoridades de segurança colaboraram e vários políticos concordaram em trabalhar para administrações dirigidas pelo Kremlin. Os moradores relatam, no entanto, que os russos agora lutam para preencher cargos de nível médio e enfrentam forte oposição clandestina da maioria dos moradores.

Em fevereiro, o objetivo declarado da "operação militar especial", como o Kremlin a chama, era proteger as populações de língua russa das regiões de Donetsk e Lugansk. Em outras ocasiões, assessores do Kremlin disseram que o conflito é com a Otan e a presença da aliança militar nas fronteiras da Rússia. Enquanto o avanço russo sobre Kiev estagnou, as esperanças de Putin de uma operação rápida que instalaria um novo governo pró-Rússia no país, mantendo-o como um Estado nominalmente independente, mas na órbita de Moscou, teriam sido baseadas na total incompreensão sobre como a Ucrânia se transformou nos últimos anos. Isso levou a uma mudança de retórica. Agora, os políticos russos falam na linguagem de uma simples ocupação de terreno, de criar um "tampão" na Ucrânia entre Moscou e o Ocidente. O desdém pelo povo, a língua e a cultura ucranianos veio mais à tona.

A mistura de mensagens podia ser vista no prédio da escola em Novyi Bykiv, a leste de Kiev, onde um batalhão russo de mísseis Buk ficou estacionado durante um mês no início da guerra. Após a retirada, as mensagens de giz rabiscadas pelos soldados nos quadros-negros mostram a confusão de sentimentos experimentada pelos russos: alguns se desculpavam, outros eram abusivos. Nas salas de aula, pintaram os retratos de figuras históricas e literárias ucranianas, numa clara manifestação do desejo de apagar a cultura local. Alguns soldados pareciam, porém, confusos e atormentados por seu papel de ocupantes. "Olhe, me desculpe. Não sabíamos que seria assim", disse um soldado choroso a uma mulher cujo salão de beleza ele usava como base, durante a ocupação da cidade de Trostianets.

Mas essa confusão rapidamente se transformou em raiva e ódio, quando os russos foram confrontados com um contra-ataque ucraniano surpreendentemente feroz e sentiram a ira das populações locais, em vez da gratidão que lhes foi dito para esperar. Em todas as áreas ocupadas ao redor de Kiev, soldados rus-

As sanções impostas pelo Ocidente **reaproximaram a elite russa de Putin**

MARTIN BERNETTI/AFP E OTAN

Palavras ao vento. Os apelos de Zelensky já não comovem. A Otan manda armas, mas não parece disposta a ir além

sos cometeram assassinatos e outros crimes de guerra. Houve saques generalizados. Quando as notícias dos horrores em Bucha e em outros lugares começaram a vazar, no fim de março, isso apenas fortaleceu a determinação ucraniana e deixou feridas psicológicas que provavelmente se inflamarão durante gerações. Na Rússia, o horror inicial pela invasão entre as elites políticas e empresariais foi seguido pelo reconhecimento de que a dinâmica entre a Rússia e o Ocidente mudou de maneira fundamental. Diante de uma escolha difícil, a maioria optou por se calar ou agora se define como patriota. "Com as sanções, os russos percebem que não têm mais chance de viver no Ocidente, então estão todos se unindo em torno da bandeira", disse uma fonte ligada ao Kremlin.

Muitos russos deixaram o país, seja por razões políticas, seja porque as sanções impossibilitaram seus negócios. Assim como no rescaldo da revolução bolchevique um século antes, as cidades próximas às fronteiras se encheram com dezenas de milhares de exilados russos.

Riga, capital da Letônia, tornou-se o centro de jornalistas independentes criminalizados e proibidos de trabalhar na Rússia. Yerevan, na Armênia, é para onde milhares de profissionais de tecnologia viajaram e que agora chamam de lar. Tbilisi, na Geórgia, a cidade turca de Istambul, a capital sérvia, Belgrado, e Berlim têm novas comunidades de exilados russos. Ocasionalmente, a insistência dos exilados de que também são vítimas causou atrito com as comunidades maiores de refugiados ucranianos forçadas a fugir da invasão.

Seis meses depois, como tudo terminará é a pergunta mais difícil de se responder. Nas primeiras semanas da guerra, o bilionário russo Roman Abramovich viajou para Kiev em uma missão sancionada pelo Kremlin para intermediar negociações de paz entre Zelensky e Putin. Em março, Abramovich sentiu que estaria perto de conseguir algo que pudesse servir como um modelo viável para conversas entre os dois líderes, segundo os informados sobre as discussões, mas nada aconteceu. Desde que o mundo descobriu os crimes em Bucha e outros lugares, houve pouca discussão substancial.

Moscou continua sua ofensiva lenta no Donbas, mas quaisquer planos para se reagrupar e lançar um novo ataque a Kiev parecem irreais a médio prazo. Até mesmo os referendos que Moscou planeja realizar nos territórios ocupados, para dar uma fina cobertura à anexação, parecem incertos de ocorrer, pois a situação em campo continua muito instável. A Ucrânia prometeu repetidamente um contra-ataque, embora isso também seja repleto de dificuldades. "Nesta fase, não tenho certeza se alguém sabe qual é o fim do jogo", disse a fonte ligada ao Kremlin. Na quarta-feira 24, meio ano após o início da invasão, a Ucrânia celebrou seu dia da independência. Em uma reviravolta no desfile militar tradicional, dezenas de peças de equipamentos militares russos retorcidos e destroçados foram trazidos para a Rua Khreshchatyk, no centro de Kiev. É tanto um reconhecimento do fato de que os militares da Ucrânia são necessários na frente quanto um gesto sombriamente humorístico sobre notícias de que Putin esperava realizar um desfile da vitória na avenida depois de conquistar rapidamente Kiev. "Com seis meses de guerra em grande escala, a vergonhosa exibição de metal russo enferrujado é um lembrete para todos os ditadores de que seus planos podem ser arrasados por uma nação livre e corajosa", disse o Ministério da Defesa ucraniano. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Sem medo das casernas

COLÔMBIA Gustavo Petro faz limpa nas Forças Armadas e promete virar a página da história de violência do país

POR GILBERTO MARINGONI*

"Debatemos muito o tema da segurança pública durante a campanha eleitoral. Seu conceito tem de mudar." Manhã ensolarada da sexta-feira 19. Gustavo Petro, recém-empossado na presidência da Colômbia, pontuava um improviso de meia hora com um lápis na mão, que fazia as vezes da batuta de regente. Estava num púlpito ladeado pela cúpula militar, por vários ministros, além de centenas de integrantes das forças de segurança, em frente à imensa área ao ar livre da Escola de Cadetes General Santander, o mais importante centro de formação policial do país, em Bogotá. O objetivo era dar posse à nova cúpula da Polícia Nacional.

Consolidava-se ali a mais ousada mudança no comando das Forças Armadas feita na Colômbia. "Até aqui medimos a eficiência da segurança pelo número de mortes ou de presos em cada ação policial. Os indicadores não melhoraram, ao contrário", sublinhou, opondo-se às violentas orientações das últimas décadas.

Uma rápida recapitulação. A cerimônia representou um passo decisivo numa articulação iniciada antes da posse e oficializada exatamente uma semana antes, em 12 de agosto. Naquele dia, o presidente anunciou a passagem compulsória para a reserva de nada menos que 52 generais e a abertura de 24 postos de comando na Polícia Nacional, 16 no Exército, 6 na Marinha e mais 6 na Força Aérea. Sem sutileza, o presidente avançou sobre instituições tidas como intocáveis na América Latina, ao mesmo tempo que buscou tirar da frente potenciais ameaças ao futuro de sua administração. Durante a campanha, o então candidato fora duramente criticado pelo general Eduardo Zapatero, comandante e representante da ala mais dura do Exército, que o chamara de "politiqueiro", por denunciar constantes ameaças armadas. O então ministro da Defesa, Diogo Molano, engrossou o coro e acusou o dirigente da coalizão Pacto Histórico de mentiroso.

Em 27 de junho, uma semana após a vitória, ao ser questionado sobre as Forças Armadas, em entrevista ao *El País*, Petro afirmou que sua "cúpula foi muito impulsionada pela linha política do governo que chega ao fim". E emendou: "Esse caminho é insustentável. (...) Existem correntes de extrema-direita que devem ser eliminadas. Algumas proclamam golpes e coisas assim". No dia seguinte, Zapatero solicitou sua passagem para a reserva.

O presidente também acena com um imposto sobre lucros e dividendos

Assim, as mudanças eram pedra cantada. O que surpreendeu foi sua extensão. "Nunca antes na história deste país se viu uma varrida tão grande como a que acabam de fazer o presidente e seu ministro da Defesa, Iván Velásquez", ironizou *El Colombiano*, centenário diário de Medellín, no último dia 13.

Velásquez, um advogado e diplomata de 67 anos, é um experiente defensor dos direitos humanos e, entre 2013 e 2016, chefiou a Comissão Internacional contra a Impunidade na Guatemala. Notório opositor de Álvaro Uribe, sua nome-

Renovação. O novo presidente mandou 52 generais para a reserva com uma só penada. Segundo Petro, a eficiência das forças de segurança não será mais medida pelo número de mortes

ação embute uma mensagem clara, destaca o portal *La Silla Vacia*: "A prioridade oficial será uma reforma radical nas Forças Armadas, em vez de se estender uma bandeira branca para setores civis e militares contrariados com a virada à esquerda na presidência". Some-se a tais iniciativas o anúncio de uma reforma tributária progressiva, destinada a taxar lucros e dividendos do topo da pirâmide social.

Petro parece colocar em prática dois ensinamentos clássicos da vida política. O primeiro é a frase de Maquiavel: "O mal bem empregado (...) é aquele que se faz de uma só vez, por necessidade de segurança". Trazida para os dias de hoje e esvaziada de seus aspectos morais, sua ideia central implica não vacilar em desafiar interesses consolidados. A segunda é a métrica dos cem dias, estabelecida por Franklin Delano Roosevelt, logo após a posse, em março de 1933, quando os Estados Unidos viviam o auge da Grande Depressão. Em curtíssimo período, aproveitando a legitimidade recém-conferida pelas urnas, o presidente enviou ao Congresso mais de uma centena de projetos de investimento, criação de empresas, fundos de investimento e ações para minorar de imediato o drama social vivido pela população. Começava ali o New Deal.

As raízes das mudanças na área militar também devem ser buscadas no acordo de paz estabelecido entre o governo de Juan Manuel Santos e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), em novembro de 2016. Do entendimento surgiram três organismos destinados a institucionalizar o processo: A Comissão da Verdade, responsável pelo esclarecimento de crimes contra os direitos humanos cometidos ao longo de mais de seis décadas de conflito armado, a Unidade de Busca de Pessoas Desaparecidas (UBPD), que tem o prazo de 20 anos para tentar encontrar e identificar o destino de cerca de 120 mil vítimas no período, e a Jurisdição Especial para a Paz (JEP), a quem cabe resolver intrincadas controvérsias no âmbito dos direitos humanos. São processos ainda em curso.

A isso soma-se o desgaste da repressão brutal dos governos de Álvaro Uribe e Iván Duque. As iniciativas se desdobraram em carta branca para que setores paramilitares ligados ao exército promovessem execuções sumárias de integrantes de movimentos sociais e em feroz repressão aos maciços protestos de rua de 2021, por parte do Esquadrão Móvel Antidistúrbios (Esmad). Trata-se de uma espécie de tropa de choque da Polícia Nacional, criada em 1999 para conter manifestações populares.

A impopularidade do uribismo contaminou os órgãos repressivos do Estado. A intervenção realizada pelo governo recém-empossado sofre pouca resistência social até aqui, além de contar com divisões no interior das próprias forças. As eleições presidenciais mostraram um país dividido. A vitória de Petro sobre Rodolfo Hernández, da direita, foi de 50,44% a 47,31% dos votos. Em vez de buscar algum tipo de composição programática com o adversário de véspera, o presidente reafirma sua disposição de enfrentar tabus atávicos na sociedade, sem cair em aventuras inconsequentes. •

**Professor de Relações Internacionais da UFABC e coordenador do Observatório de Política Externa e Inserção Internacional do Brasil (Opeb).*

DANIEL MUNOZ/AFP

O velho e o novo

TheObserver Os eleitores jovens são a maior ameaça à permanência do MPLA no comando de Angola

POR JASON BURKE

Milhões de angolanos foram às urnas em uma eleição histórica descrita como "momento existencial" para o importante país da África Central, rico em petróleo, e um teste para a democracia numa ampla extensão do continente. A votação na quarta-feira 24 colocou políticos veteranos diante de uma geração de jovens eleitores que começam a entender que podem provocar uma mudança radical e escapar da sombra da Guerra Fria.

Observadores dizem que o descontentamento com o governo do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), no poder desde que o país declarou independência de Portugal, em 1975, chegou a um ponto em que o partido só conseguirá garantir mais cinco anos por meio de aparelhamento e repressão. "É uma eleição existencial, e será uma disputa muito acirrada. Se houvesse eleições livres e justas, não há dúvida de que a oposição venceria, mas o governo não vai permitir", afirma Paula Cristina Roque, analista e escritora independente.

Outros partidos e líderes que permaneceram décadas no poder depois de vencer as lutas de libertação no continente provavelmente verão as crescentes dificuldades de seus pares em Angola como uma advertência. Assim como em outros lugares da África, um fator-chave em Angola é a juventude da população. Mais de 60% têm menos de 24 anos. Tiago Costa, um dos mais bem-sucedidos de uma nova onda de humoristas e outros artistas criativos, disse que os milhões de jovens que votarão pela primeira vez têm valores e visões drasticamente diferentes dos de seus políticos. "Vivemos a mesma coisa repetidamente. Os jovens se perguntam: 'O que acontece aqui?' Essa garotada está perdida nesses discursos e histórias que simplesmente não entendem ou merecem", disse Costa, de 37 anos. "Os jovens daqui precisam aprender com os erros dos mais velhos e se esforçar para fazer de Angola um país para angolanos, não para partidos que sempre nos dividem e nunca fazem o seu trabalho."

O presidente João Lourenço, autoridade veterana do MPLA e ex-ministro da Defesa, assumiu o poder em 2017 como sucessor escolhido a dedo de José Eduardo dos Santos, cujo governo autoritário durou 38 anos. O corpo do ex-presidente, falecido em julho na Espanha, chegou a Luanda no sábado 20 e deu um novo elemento à tensa campanha eleitoral. Embora Lourenço, de 68 anos, tenha tentado promover o crescimento econômico e pagar grandes dívidas, não conseguiu melhorar a vida da maioria dos 35 milhões de habitantes. Críticos dizem que uma campanha anticorrupção de alto nível teve como alvo inimigos apenas potencialmente poderosos – como Isabel dos Santos, a filha extremamente rica do ex-presidente –, enquanto a Anistia Internacional descreveu "uma repressão sem precedentes aos direitos humanos, incluindo assassinatos e prisões arbitrárias, na preparação para a eleição de 24 de agosto".

> A expectativa de vida é uma das mais baixas do mundo e milhões vivem na miséria

Segundo analistas, Lourenço, quando confrontado com a opção entre salvar o MPLA ou salvar a nação, colocou o partido em primeiro lugar. "Eles não iam se reformar fora do poder", avalia Roque. "Durante muito tempo os angolanos disseram: 'Somos pobres, estamos lutando, mas estamos em paz e isso basta'. Mas agora estão zangados, desapontados e não têm nada a perder."

O crescimento que se seguiu ao fim da brutal guerra civil de 27 anos, em 2002, beneficiou amplamente a elite. A expectativa de vida em Angola continua a ser uma das mais baixas do mundo, os serviços são irregulares e milhões vivem na miséria, apesar dos enormes ganhos do país com a exportação de petróleo. "A maioria com quem falo diz que Lourenço não fez nada por eles durante esses cinco anos", diz Laura Macedo, ativista que luta por melhores condições para os bairros pobres de Luanda. "A maioria planeja votar na oposição."

O principal rival de Lourenço é Adalberto Costa Júnior, da União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita). Embora apenas oito anos mais jovem que o titular, Costa Júnior tem

Cansaço. Os eleitores jovens estão cansados da política institucional depois da guerra civil. Lourenço, candidato à reeleição, representa o longo reinado do MPLA, aliado da Rússia e da China

PRESIDÊNCIA DE ANGOLA E NELSON NASCIMENTO/TEDX LUANDA

tentado se posicionar como um representante da sociedade civil e de todos os que perderam com os anos de governo do MPLA. A Unita foi a representante do Ocidente, financiada e armada pelos Estados Unidos e seus aliados, mas acabou por perder a guerra civil para o MPLA, apoiado pela União Soviética e Cuba. Sob Costa Júnior, o partido inclinou-se para o centro, mas ainda é visto como pró-ocidental e pró-empresas, em contraste com a base ideológica socialista do MPLA e os laços contínuos com a Rússia.

Angola, com suas enormes reservas de petróleo, é hoje mais uma vez uma zona-chave de competição entre as grandes potências. Pequim perdeu terreno nos últimos anos, depois que José Eduardo dos Santos acumulou dívidas enormes por obras de infraestrutura muitas vezes mal construídas ou mal projetadas. Tanto a Rússia quanto os Estados Unidos têm feito esforços para ganhar influência também em Luanda. O conflito na Ucrânia intensificou as rivalidades em todo o continente. Angola estava entre os 17 países africanos que se recusaram a apoiar uma moção da Assembleia Geral da ONU contra a invasão russa, levando alguns a descreverem uma "nova Guerra Fria" na região.

Tanto Sergei Lavrov, ministro das Relações Exteriores da Rússia, quanto Antony Blinken, secretário de Estado dos Estados Unidos, visitaram a África nos últimos meses, num esforço para reforçar as relações locais. Nenhum deles esteve em Luanda, embora ambos tenham dado atenção à África Central. Autoridades da Unita dizem estar preparadas para esperar mais cinco anos antes de alcançar a presidência, mas as dificuldades do MPLA ressaltam os desafios enfrentados por muitos outros partidos ou líderes que chegaram ao poder no rescaldo do conflito no continente.

Nic Cheeseman, professor de democracia especializado em política africana na Universidade de Birmingham, no Reino Unido, disse que os problemas existentes se combinaram aos efeitos da pandemia de Covid-19 no continente e os recentes aumentos globais nos preços dos alimentos e combustíveis para provocar uma onda de descontentamento que ameaçava desestabilizar governos em todos os lugares – autoritários e democráticos. "Você pode fraudar eleições e manter o poder, mas isso não elimina a raiva. O risco então é que a frustração venha de outras formas, com tumultos, violência política e agitação." •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

O espetáculo como maldição

CINEMA Em seu terceiro longa-metragem, *Não! Não Olhe!*, Jordan Peele lança mão da ficção científica para fazer uma crítica à própria indústria do entretenimento

POR CÁSSIO STARLING CARLOS

Diz-se que coincidências não existem. Apesar de não parecer planejada, a estreia simultânea de dois filmes de cineastas negros, um deles produto da indústria hollywoodiana e o outro expressão da periferia brasileira, aproxima, na tela, propostas de cinema distintas, mas não opostas. Tanto em *Marte Um* (*ler texto à pág. 61*) quanto em *Não! Não Olhe!* o céu ocupa lugar importante. Sinal, talvez, de que nem tudo é por acaso.

Não! Não Olhe! chega aos cinemas, na quinta-feira 25, cercado de expectativa. *Corra!* (2017) colocou o nome de seu diretor, Jordan Peele, entre aqueles a serem rastreados. *Nós* (2019) confirmou seu talento para integrar crítica social e entretenimento. Era de se esperar o burburinho em torno do projeto seguinte.

Para não estragar os prazeres da descoberta, dá para dizer que, em seu terceiro longa-metragem como diretor, Peele – que trabalha também como ator – desobedeceu à previsibilidade da indústria do entretenimento. Ele recupera fórmulas antigas, mas não esgotadas, de diversão sem com isso abandonar outros níveis de significado. Peele radicaliza a estratégia adotada em *Nós* e produz um filme que é a cara dele sem se repetir.

A presença do ator Daniel Kaluuya, protagonista de *Corra!*, sugere um retorno a elementos conhecidos, ao prazer do reconhecimento e da repetição. Mas não é o que acontece.

O racismo subjacente às relações sociais, tema nítido nos dois primeiros filmes, ressurge de modo mais difuso e alegórico. A apropriação do cinema de gênero é retomada. No lugar do terror, entra a ficção científica delirante dos filmes de invasão alienígena, com direito a disco voador e tudo.

> O racismo, tema nítido nos dois outros filmes do diretor, surge de forma mais difusa

Enquanto a geração de Steven Spielberg, George Lucas e amigos resgatou o imaginário do cinema de gênero dos anos 1950 e injetou grandes orçamentos na fantasia para encantar o público de filhos dos jovens de outrora, o pastiche praticado por Peele atende a outros – e mais elaborados – propósitos.

Sua releitura não é apenas tributo, colagem de citações para o fã gozar com seu elevado conhecimento de cultura pop. Peele, como Shyamalan antes dele e John Carpenter mais longe, filma com uma câmera na mão e um bisturi na outra. Usa o gênero como forma popular para expor o que o entretenimento oculta. Não faz isso como negação, mas como apropriação.

O título brasileiro *Não! Não Olhe!* tam-

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 62

Literatura. A grande obra do alemão Walter Kempowski é lançada no Brasil

bém poderia ser *Olhe! Olhe Bem!*, para alertar que não há inocência no entretenimento, que cinema é a melhor diversão e é também mais que diversão.

Pela terceira vez em ficções recentes, olhar é um ato que comporta riscos. *Bird Box* (2018) forçava seus personagens a cobrir os olhos como único recurso para evitar uma epidemia de suicídios. Em *Não Olhe para Cima* (2021) sugeria-se, de modo satírico, que a destruição não ocorreria se a população ignorasse a aproximação do cometa.

Não! Não Olhe! trata o olhar como um gesto derradeiro, um descontrole que converte *smartphones* e a mania de fotografar e gravar tudo no mais eficiente mecanismo de extermínio.

Desde a epígrafe bíblica, uma passagem do livro de Naum, o filme anuncia o espetáculo como forma de maldição. Não por acaso, a ameaça tem a aparência de um aspirador que devora tudo sem distinção. •

EMBAÚBA FILMES E UNIVERSAL PICTURES

MARTE UM E O PRESENTE BRASILEIRO

O filme de Gabriel Martins, destaque no Festival de Gramado, acompanha uma família preta de Contagem, na Grande BH

Marte Um parece nome de ficção científica. Mas o filme, que estreia nas salas de cinema logo depois de vencer um punhado de prêmios no Festival de Gramado, tem os dois pés afundados neste presente brasileiro que ultrapassou as fronteiras da alucinação.

O longa-metragem do mineiro Gabriel Martins começa com o anúncio da vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. Imagens da posse do presidente também se intrometem no cotidiano dos personagens. Contudo, ninguém se exalta. Deixa quieto.

O viés político do filme não se detém nesse lugar oficial. O cinema de Martins, assim como o feito por seus parceiros na produtora Filmes de Plástico, André Novais de Oliveira e Maurílio Martins, mostra a política onde ela parece não estar.

Marte Um acompanha um microcosmo social, uma família preta de Contagem, cidade da Grande BH associada à indústria pesada, ao proletariado e às múltiplas formas de exclusão.

O pai é porteiro em um condomínio de alto padrão e a mãe trabalha como diarista. A filha mais velha está concluindo o curso de Direito e o caçula sonha em se tornar astrofísico e embarcar numa missão para colonizar Marte.

A condição de cada um já traduz características comuns da população preta e de baixa renda no Brasil, e o roteiro de Martins não perde tempo reiterando discursos.

A opção de acompanhar os quatro protagonistas sem hierarquizar seus valores injeta no filme um tom que o cinema brasileiro nem sempre alcança. Temas como sexualidade, gênero, educação, exploração e depressão fazem parte desse retrato sem que o filme se confunda com um quadro de mensagens.

Embora aborde a agenda da diversidade de modo explícito, *Marte Um* o faz ressaltando as contradições, confrontando o individual com as negociações inevitáveis no coletivo.

Por isso, seus personagens carregam mais dúvidas que certezas, são inconstantes e tombam. Essa qualidade é valorizada pelo trabalho coeso do elenco. Mesmo nas cenas frágeis, quando Martins parece confiar mais no texto do que na imagem, os atores ultrapassam as falas.

O efeito é como escutar os relatos dos milhares com quem cruzamos nas ruas. Suas histórias são comuns, mas mais dramáticas que a maioria das ficções.

O caçula do clã deseja se tornar astrofísico e colonizar Marte

O peso da história e a graça da vida

LITERATURA *Tudo em Vão*, do escritor alemão Walter Kempowski, é um romance a um só tempo épico e intimista sobre as existências marcadas pela guerra

POR ALYSSON OLIVEIRA

A abertura de *Tudo em Vão*, do alemão Walter Kempowski, pode passar a ideia errônea de um bucólico romance russo. "Próximo a Mitkau, uma pequena cidade na Prússia Oriental, jazia a fazenda Georgenhof com seus velhos carvalhos, agora no inverno tal qual uma ilhota negra num mar branco", lê-se.

Esse cenário, como se verá ao longo das páginas seguintes, será fundamental para a narrativa. Georgenhof, hoje localizada numa área que pertence à Polônia, é uma casa assombrada por fantasmas cuja existência remonta a 1945.

A mansão é habitada pela família Globig. O patriarca, Eberhard, está em uma missão na Itália. Sua mulher, Katharina, parece estar com a cabeça sempre em outro lugar, um pouco alienada do mundo que a cerca. O filho, Peter, de 11 anos, é curioso e esperto. Quem cuida das coisas práticas da casa e está atenta à vida de todos é uma tia que ali vive também.

O exército russo aproxima-se de Georgenhof. Deve chegar a qualquer momento. "O que demovia o Exército Vermelho de, finalmente, começar o ataque?", pergunta-se uma personagem. Enquanto esperam, os moradores da propriedade recebem visitas diversas: de um economista liberal a uma violinista conservadora, até um judeu que passa ali a noite, arriscadamente escondido por Katharina.

A forma de narrar de Kempowski soa distante. É quase como se ele exercitasse um desapego das personagens, sem criar vínculos emocionais com elas. Essa opção faz com que, na superfície, tudo pareça frio. Mas, na verdade, a estratégia do autor é outra. De maneira cirúrgica, ele captura um mundo a ruir. Vemos o trator da História passando sobre as pessoas sem que elas tenham consciência disso.

Embora o livro não seja autobiográfico, há muito da própria biografia do autor nele. Kempowski tinha 15 anos quando, em 1944, viu chegarem à sua cidade natal, Rostock, refugiados da Prússia. Alguns anos mais tarde, durante a Guerra Fria, ele seria acusado de espionagem pela União Soviética, e passaria oito anos em uma prisão em Bautzen, cidade ao leste da Alemanha que, depois do domínio nazista, passou para a polícia secreta soviética.

Nesse período, conheceu pessoas e histórias que se tornariam partes de um projeto impressionante: uma série em dez volumes, que ele chamava de diários coletivos dos anos de guerra, publicada entre 1993 e 2005. Esse conjunto é composto de testemunhos escritos em forma de cartas, diários etc.

Essas vozes, certamente, ecoam em *Tudo em Vão*, obra épica e, ao mesmo tempo intimista, na qual ele procura investigar os efeitos de uma guerra sobre as vidas das pessoas comuns. A narrativa, conduzida primordialmente em um discurso indireto livre, transita entre a mente das personagens e o mundo em que elas vivem.

Kempowski, embora carregue o peso da história, não é um escritor sisudo. Em sua prosa, o humor e a ironia contrabalanceiam a gravidade do momento. *Heil Hitler*, por exemplo, torna-se quase um mantra, repetido tantas vezes, e de forma tão aleatória, que sublinha o ridículo e o perigo dos cultos a personalidades.

A bem cuidada edição brasileira traz notas assinadas pelo tradutor Tito Lívio Cruz Romão que ajudam a compreender

TUDO EM VÃO

Walter Kempowski.
Tradução: Tito Lívio Cruz Romão.
(DBA, 440 págs., 89,90 reais)

Na Guerra Fria, o autor foi acusado de espionagem e preso

melhor não apenas o contexto histórico da trama, mas as referências do autor, em especial à música e ao cinema.

Tudo em Vão é considerada a grande obra de Kempowski, nascido em 1929, em uma família abastada, e morto em 2007, aos 78 anos, de câncer. Ele vivia em Rotemburgo, na Alemanha.

A revista *New Yorker,* por exemplo, definiu *Tudo em Vão* como uma obra-prima. Para o *Guardian,* trata-se de um livro marcado pela ideia de perdão e de compaixão, "que olha além das fúteis divisões que as pessoas fazem entre elas mesmas".

Trata-se, enfim, de um romance histórico escrito sob a vantagem de estar décadas distante do momento retratado. A pátina do tempo parece ajudar o autor a ver com mais lucidez o passado, enquadrando-o também sob o prisma do presente, ajudando assim a iluminá-lo. •

BRUNI MEYA/AKG IMAGES

VITRINE

POR ANA PAULA SOUSA

Leitores, em geral, adoram leitores. E o que **O Livro Que Mudou a Minha Vida** (Nova Fronteira, org. José Roberto de Castro Alves, 240 págs., 49,90 reais) oferece é uma visita à estante afetiva de personalidades que vão da atriz Fernanda Torre à médica Margareth Dalcomo.

Colchão de Pedra: Nove Contos Perversos (Rocco, 304 págs., 64,90 reais) reúne textos da canadense Margaret Atwood até aqui inéditos no Brasil. A história que dá título ao volume será adaptada para o cinema pela diretora Lynne Ramsay, de *Precisamos Falar Sobre Kevin* (2011).

Uma velha de 100 anos, sozinha em uma casa, funciona como o fio narrativo que a brasileira Juliana Leite puxa para desenovelar os afetos, as memórias e as figuras demasiadamente humanas que compõem **Humanos Exemplares** (Companhia das Letras, 248 págs., 69,90 reais).

Despedida nobre

▶ A transferência de Casemiro do Real Madrid para o Manchester United talvez seja o exemplo mais avançado da relação profissional clube-jogador

A transferência do meio-campista Casemiro do Real Madrid para o Manchester United diz muito sobre o esporte moderno, dentro e fora do campo.

Causou espanto que um titular do melhor clube de futebol da história tomasse a iniciativa de mudar de time em pleno auge, depois de dez anos marcados pela conquista de um número incrível de títulos – entre eles os mais expressivos dos tempos atuais.

"Casemiro é uma lenda", disse Florentino Pérez, presidente do Real Madrid, ao falar sobre a saída. "Ele ganhou o direito de decidir o que fazer. Por tudo o que nos deu."

Ao ouvir uma história como essa, penso logo nas razões pelas quais outros jogadores se mantêm em seus times. É o caso, por exemplo, do extraordinário Modric, que, em grande forma aos 37 anos, permanece nas fileiras madrilenas.

Modric é extraordinário. Sendo um jogador excelente, embora – ou por isso mesmo – sem preciosismos, conseguiu ser o melhor jogador do mundo com uma forma de jogar que pode ter revelado uma novidade do "futebol moderno".

É ele um volante, um bom marcador? Sim. É ele um meia-armador com lampejos de atacante? Também. Seria ele o "polivalente" dos sonhos de técnicos e comentaristas, capaz de oferecer maior dinamismo ao jogo, evitar os tradicionais "cabeças de área" limitados a proteger a defesa?

Tempos antes, Franz Beckenbauer foi o "líbero" que, às vezes, saía da própria zaga para chegar à defesa adversária. Era o elemento-surpresa de então.

Casemiro é exemplo do tipo mais contido, mas o Real Madrid soube armar-se com ele junto a Kroos, uma bela combinação de Beckenbauer e Ademir da Guia e o próprio Modric.

Não à toa, a primeira medida do elegante Zidane, quando se tornou técnico do Real, foi garantir o brasileiro como ponto de equilíbrio do time. Entende-se assim a razão pela qual Casemiro, em sua despedida, fez questão de citar especialmente a importância dos dois companheiros de meio-campo.

O futebol é jogo de ataque e defesa. Não adianta "vestir um santo e desvestir o outro". Achar esse equilíbrio é a grande dificuldade dos treinadores – sobretudo por depender também das manobras dos adversários.

São clássicos os casos do Zito, no Santos, em seus melhores dias, do atual técnico do Barcelona, Xavi, e de tantos outros que, mesmo sem apresentar brilhantismo técnico, foram fundamentais em equipes históricas.

A mudança de Casemiro talvez seja o caso mais avançado da relação profissional clube-jogador, tendo em vista que saiu por iniciativa própria, ainda bastante valorizado.

O ponto alto foi a saída elogiada, enaltecida e homenageada pelo clube. Sua transferência rendeu lucro ao clube e ao jogador, que fez um contrato longo e valorizado. O grande atestado do equilíbrio da relação entre o clube e o jogador foi a declaração do presidente do clube espanhol.

A transferência do premiadíssimo Cristiano Ronaldo, por exemplo, também surpreende a todos e deixa claro o nível de desenvolvimento dos clubes mais avançados.

O CR-7, um dos jogadores de carreira mais bem administrada, segue levando sua vida de clube em clube, embora já revele desgaste no relacionamento profissional.

Situação marcante foi a mudança esdrúxula do genial e disciplinadíssimo Messi do Barcelona para o Paris Saint-Germain. Parece que ele, já na segunda temporada francesa, ainda tem cara de surpresa estando no clube mais caro do mundo.

O que se vê é que os clubes mais estruturados sabem lidar com os valores estratosféricos que o esporte mobiliza atualmente. Eles têm controle da situação, mesmo que passem por algumas turbulências em períodos de transição.

Os mesmos Barcelona e Real Madrid são exemplos disso, e agora também o Manchester United vive esse momento.

O início da temporada europeia, mesmo dentro do calendário prejudicado pela Copa, está sendo auspicioso. Ele renova a esperança no futuro e revigora nossas forças neste momento tenso da vida brasileira.

Refiro-me ao jogo entre Manchester City e Newcastle, uma prova viva de que o futebol pode ser criativo em todos os momentos, do começo ao fim de cada jogo.

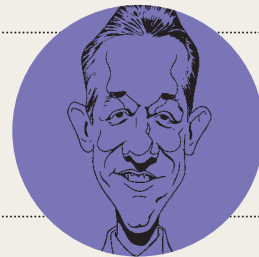
O City, mesmo tendo começado perdendo por 2 x 0, não abriu mão de jogar o futebol legítimo, em cada centímetro do campo, até conseguir a virada.

Guardiola, o técnico do City, é sem dúvida o melhor técnico do mundo. Sou seu cabo eleitoral para a Seleção Brasileira, já que o cargo vai ficar vago no fim do ano. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ARTHUR CHIORO

BAPTISTÃO

Outra tragédia anunciada

▶ Uma catástrofe sanitária está perto de acontecer: nenhuma das vacinas obrigatórias para menores de 1 ano está com cobertura adequada

No ciclo da vida, bebês e idosos constituem os elos extremos e mais frágeis. Por isso, precisam de atenção especial das políticas públicas voltadas à prevenção de doenças. Entre essas, os programas de vacinação são considerados estratégicos. Os impactos positivos que eles causam na saúde pública são, há décadas, reconhecidos internacionalmente.

Graças às vacinas, várias doenças, como varíola, poliomielite (paralisia infantil) e sarampo, foram erradicadas no Brasil. Outras tantas, como difteria, rubéola, rubéola congênita e tétano materno e neonatal, estavam em vias de erradicação.

A abrangência e a elevada cobertura vacinal do Sistema Único de Saúde (SUS) foram reconhecidas, pela Organização Mundial da Saúde, como grande exemplo para os demais países, inclusive ricos e desenvolvidos. O trabalho demonstrou como é possível reduzir drasticamente a incidência e a mortalidade, evitar casos graves e diminuir as internações por doenças infecciosas preveníveis.

No entanto, o descaso do governo Bolsonaro com a vida continua fazendo estragos incontáveis. O desmonte da estrutura técnica e a incapacidade do Ministério da Saúde de coordenar as ações de imunização desenham, para breve, uma tragédia.

A cobertura de vacinas em menores de 1 ano, de acordo com dados do próprio Ministério da Saúde, vem caindo desastrosamente desde 2016, o que coloca em risco as crianças e cria condições para o retorno de doenças que estavam sob controle, erradicadas ou em vias de erradicação no País.

Em 2021, por exemplo, três em cada dez crianças deixaram de ser vacinadas contra a poliomielite. E não é possível atribuir à pandemia de Covid-19 a diminuição da cobertura vacinal. Esse processo vergonhoso e perigoso vem, afinal de contas, ocorrendo desde 2016, e se agravou a partir do governo Bolsonaro.

No caso da vacina contra a tuberculose, as crianças deveriam tomá-la na maternidade, logo após o nascimento. Como praticamente a totalidade dos partos no Brasil ocorre em ambiente hospitalar, é inadmissível que a cobertura atual seja de apenas 69%.

O Programa Nacional de Imunização foi criado em 1973, institucionalizado em 1975 e aperfeiçoado com o SUS. Seu objetivo principal é oferecer todas as vacinas com qualidade às crianças brasileiras, tentando alcançar coberturas vacinais de 100% de forma homogênea em todo o território nacional. Só assim se produz a proteção coletiva.

Esse objetivo vinha sendo alcançado. Ao longo de quase meia década, o programa transformou-se em orgulho de todos os brasileiros por sua eficiência, qualidade e segurança, a ponto de 99% das vacinas serem aplicadas pelo SUS.

Essa conquista, consolidada como uma política de Estado seguida por todos os governos, independentemente da orientação política e ideológica, está sendo destruída pelo governo atual.

Das oito vacinas do Calendário Nacional de Vacinação para os menores de 1 ano, nenhuma está com cobertura adequada – seis delas estão reproduzidas no quadro ao lado. E o Ministério da Saúde não faz absolutamente nada para reverter o quadro.

É hora de resgatar nossa capacidade de ação na área da Saúde Pública e novamente colocar em campo o Zé Gotinha. É preciso convocar prefeitos, governadores, secretários de Saúde, universidades e entidades para mobilizar a sociedade em uma grande e consistente Campanha Nacional de Vacinação. Só assim conseguiremos reverter essa ameaça à vida das nossas crianças e ao futuro do País. •

redacao@cartacapital.com.br

COBERTURA POR TIPO DE VACINA NO BRASIL DE 2015 A 2022

	VACINAS					
ANO	BCG	Rotavírus Humano	Hepatite B	Meningococo C	Penta	Poliomielite
2015	105,1	95,3	90,9	98,2	96,3	105,4
2016	95,6	89,0	81,7	91,7	89,3	84,4
2017	98,0	85,1	85,9	87,4	84,2	84,7
2018	99,7	91,3	88,4	88,5	88,5	89,5
2019	86,7	85,4	78,6	87,4	70,8	84,2
2020	74,3	77,3	64,1	78,6	77,2	76,1
2021	69,0	70,5	62,0	70,9	70,4	69,9

Fonte: sipni.datasus.gov.br

BOLSONARO NO JORNAL NACIONAL
JN
É MENTIRA!
NÃO É VERDADE!